

**SÃO LOGANSO**

**Alguns passos de uma trajetória**

**1997**

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DOM FRAGOSO -----	03
SÃO LOGANSO -----	05
Advertência -----	05
Lembranças -----	06
A Serra -----	10
A Cooperativa -----	22
Os Mutirões -----	26
A Lei da Cooperativa -----	35
Pensando no Futuro -----	65
A Falação e a Romaria -----	77
Mais Falação -----	89
Avaliando o Avaliado -----	107

## **APRESENTAÇÃO**

### **FAZENDO A NOSSA HISTÓRIA**

Durante 25 anos, a Igreja de Crateús caminha por estes Sertões de Crateús e dos Inhamuns.

Todos nós, companheiros de caminhada, trazemos conosco, na memória e no coração, as manhãs alegres e criativas e as noites de escuridão.

Caminhando juntos, num grande mutirão de Fraternidade e de Experiência de Deus, FAZEMOS NOSSA HISTÓRIA.

Muitos dizem que somos “um povo sem memória”.

Para guardar viva, hoje e amanhã, a nossa memória, decidimos escrever estes CADERNOS.

Vamos lê-los com inteligência e sensibilidade. Vamos debatê-los com os outros, sobretudo com os mais novos. Vamos celebrar a Presença de Deus Vivo, na caminhada.

Vamos reassumir o Compromisso de gestar e dar à luz o ROSTO DESTA IGREJA, que tenta, com fragilidades e com garra, se tornar “popular e libertadora”.

25 anos são o tempo de uma parada, num processo avaliativo-celebrativo, cobrindo com o olhar as subidas e descidas, as paisagens

inesquecíveis e as quedas, clamando para o nosso Deus: "MUITO OBRIGADO, SENHOR".

25 anos constituem apenas o COMEÇO. O horizonte está mais adiante. Caminhemos juntos. Façamos nossa história.

Crateús, 1º de maio de 1989.

Antonio Fragoso

(+ Antonio Batista Fragoso)

- Bispo de Crateús -

# **SÃO LOGANSO**

Ventura Torres

## **Advertência**

Esta história é baseada em fatos verdadeiros. Assim, qualquer semelhança não é mera coincidência. Como cada personagem representa, em geral, várias pessoas, seus nomes são inventados como inventados são os nomes dos lugares, embora a descrição das paisagens e cenários procure expressar a realidade.

Os diálogos, assim como os acontecimentos que lhes deram origem, também estão muito próximos do que realmente aconteceu e foi comentado. Então, quem quiser tomá-los como uma lição de vida, pode fazê-lo sem medo de errar. E, quem quiser encará-los como ficção, que os considere uma possibilidade na vida de uma parte de nosso povo sofrido.

## **Lembranças**

São Loganso ainda era uma lembrança viva. Mas somente uma lembrança, nada mais. Há doze anos, em 1971, Valdir tivera que se afastar de lá, meio corrido, e nunca mais fizera contato com o pessoal do lugar. Era, então, um perseguido político, vivendo na clandestinidade.

Ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem seu passado. Era apenas mais um, entre vários, que trabalhava com os lavradores da cooperativa. O segredo sobre sua condição mantinha-se com a solidariedade muda dos membros das equipes religiosas com quem atuava.

Mas havia linhas cujas pontas não controlava. Pessoas que sabiam onde ele estava e atuavam em outras regiões. Um descuido delas poderia ser fatal para ele. Tinha, então, que viver sempre alerta, procurando certificar-se que sua pista continuava desconhecida. No final de 1971, uma dessas linhas balançou forte, dando indícios de que a polícia política poderia localizá-lo. Seu senso de vigilância não lhe permitiu vacilar: inventou um grave problema de saúde, uma sinusite aguda, juntou as roupas e desceu o talhado da serra em plena noite.

Ainda teve que voltar lá uma vez, às escondidas, dias depois, para colocar em ordem os livros de contabilidade da cooperativa. Subiu de jipe, junto com o bispo e com as irmãs Siena e Maria, para ficar numa choupana meio abandonada. Mas o local estava meia légua depois da vila,

no caminho da América, e Valdir não podia chegar com eles, e muito menos ser visto.

Teria que atravessar, quisesse ou não, a praça principal do povoado. Aventaram que deveria passar de madrugada, mas isso talvez fosse mais perigoso e levantasse mais suspeitas do que seguir à luz do dia. Bastava que alguém o visse passar. Pediu, então, que o deixassem quase um quilômetro antes. Já tinha pensado um modo de varar o lugarejo sem ser reconhecido, desde que seria difícil não ser notado.

Ficou no meio da noite. Noite sem lua, céu enevoado e frio, o clarão mais forte vinha dos candeeiros e lampiões do casario, que atravessavam as janelas abertas e, ao sabor do vento, transformavam as mangueiras em sombras dançantes. Valdir conhecia bem o lugar.

O caminho mais curto cruzava pela frente da casa paroquial, cortava o quadrado da praça pela transversal, depois tangenciava a revenda, a casa de farinha e o mercado e pegava a estrada para a América. Mas era também o que o deixaria mais em foco. Era o mais fortemente iluminado e, com a chegada do bispo, muita gente deveria estar papeando por ali. O melhor seria ir por trás da casa paroquial, pegar a rua de baixo, dobrar na revenda e sair na casa de farinha. Era mais comprido, mas também mais sombreado.

De nada lhe adiantaria, porém, seguir esse caminho se não se disfarçasse. A maioria das pessoas o conheciam de longe. Vestiu a calça e o casaco velhos e esfarrapados que trouxe num saco, enfiou na cabeça alguma coisa parecida no passado, a um gorro de lã e não esqueceu de amarrar nos pés as sandálias de couro surradas.

Saco às costas, desceu devagar a estrada até perto das primeiras casas. Daí em diante, mudou a batida. Transformou-se num coxo torto e cabisbaixo, mas de andar rápido. Ao cruzar com as pessoas, dava um “b’ as noites” engrolado e ia adiante, sem olhar para os lados ou para trás.

Seguiu assim até ter certeza de que já estava distante das vistas. Em menos de meia hora chegou à choupana. Encontrou a chave no lugar combinado. A rede, os cobertores, a cabaça com água, estava tudo nos conformes. Certificou-se da posição de cada coisa e apagou logo a lanterna. Ninguém deveria desconfiar nem mesmo da presença de alguma alma assombrada por ali. Deitou, enroscou-se e dormiu, apesar do frio com que jamais se acostumara.

Passou dois dias acordando e dormindo com as galinhas. Durante o dia, preparou os livros de contabilidade entregues pelo Chico da Inácia, que também andou miúdo para levar-lhe a comida e não deixar o segredo ser descoberto. Na terceira noite, foi apanhado pelo jipe cerca das 11 horas, na volta da visita do bispo a uma comunidade mais distante, e desceram direto para Iperá.

As pessoas haviam comentado a passagem do coxo estranho no rumo da América. Estranho porque ninguém o viu riscar o Olho d’ Água, a meio caminho, como seria de esperar. O coxo havia se evaporado na “neve” que encobria as madrugadas.

Desde então Valdir se deslocara por outras veredas. As lembranças dos momentos que passara em São Loganso.

Foram ficando distantes, mais distantes ainda devido à exacerbação da perseguição política e da clandestinidade. Somente após a

Anistia de 1979 retomou algum contato, mesmo assim de longe, até ser convidado a pesquisar os resultados daquela experiência sui-generis, 15 anos após ter começado.

Tomou o ônibus na capital. A estrada rumava direto para o oeste e não demorou muito a surgir a velha e conhecida caatinga. O período era novamente de seca. Embora não tão forte quanto a de 70, mesmo assim era devastadora para os pequenos plantadores, para as plantas e os animais.

A vegetação retorcida, quase fossilizada, tornou-se ainda mais emaranhada depois que a estrada dobrou para o sul, ao aproximar-se da Serra Ibipeba, contrastando seu cinza com o verde da montanha. Nada parecia haver mudado nessa natureza, a não ser o risco negro do asfalto, substituindo o batedor de poeira de antigamente.

## **A Serra**

Quem sobe da vasta depressão sertaneja para a Ibipeba, pode pegar uma estrada de rodagem, que sai de Iperá, segue pelo pé-da-serra e galga o paredão da serra para chegar a Matariz, serpenteando em ziguezagues, por ladeiras acentuadas e pirambeiras profundas. De Matariz, segue para outras localidades, como Nova Fátima, América, Areias e São Pedro.

Mas Valdir saltou em Iperá decidido a seguir o caminho que tantas vezes fizera entre o pé-da-serra e Matariz. É mais curto, mas só serve para animais ou "de-pés", às vezes parecendo mais uma trilha de cabras. Subindo-o, tem-se uma visão melhor, tanto da escarpa quanto da planície.

O paredão da serra não passa de uma ilusão de quem olha a Ibipeba de baixo. A face do talhado, aparentemente lisa, é fendida às vezes em lajes escarpadas e lisas, às vezes em grotões com babaçuais e carnaubais verdes e compactos. São inúmeras dobras e rugas que o povo chama de sacos, por onde são abertas as trilhas que sobem a montanha. Alguns deles são extensos o suficiente para a construção de casas e o plantio de roças de mandioca e roçados de feijão ou outras plantas.

Ao atingir os sacos, os claros da mata permitem enxergar lá embaixo a planura da caatinga, pontilhada ali e acolá de pequenas manchas azuladas, os açudes. No verão, época de pouca ou nenhuma chuva na região, a vegetação se torna cinza pardacenta e o brilho dos

açudes diminuí ou some. Só se destacam as copas dos juazeiros, como se a caatinga estivesse com sarampo de pontos verdes, e os oásis verdejantes dos sítios das fazendas, a demonstrar que a terra é fera, apenas lhe faltando um pouco de água.

No inverno, quando a chuva não falha, com a primeira água o verde explode por toda parte, de um dia para o outro. Aqueles paus mumificados transformam-se, repentinamente, em vida brotando. Ganham galhos novos e folhas brilhantes, tornando irreconhecíveis as antigas trilhas secas. Visto do alto da serra, o renovado manto verde da caatinga fica esmaecido pela névoa ou, como diz o povo local, pela “neve” constante que cobre grande parte da montanha pela manhã.

Deixando para trás a escalada, entra-se num tabuleiro levemente ondulado, uma chapada de matas, capoeiras, babaçuais, carnaubais, campos naturais e várzeas. Ao contrário da planície sertaneja, tropeça-se a cada momento com fontes de água e córregos. Muitos deles despencam pelos sacos, em longas e finas cachoeiras e corredeiras que vão umedecer o pé-da-serra.

Ao olhá-las mais uma vez, Valdir tremeu ao lembrar-se do clima, frio e úmido, que no período de junho a agosto, de temperatura mais baixa, atravessava a calça grossa, as meias e o pulôver com que se vestia, além dos dois cobertores em que se enrolava, penetrando em sua carne e judiando de seus ossos.

Voltou à sua mente o corpo encarquilhado e malformado da população local, típico de quem sofre frio durante muito tempo. Para as choupanas e os próprios corpos, as famílias pobres acendiam fogueiras

cercadas de pedras, no chão da sala choupanas, e se deitavam em volta enroladas nos poucos trapos que possuíam. Como se fora por castigo, sofriam ainda com o bubão ou febre bubônica, o lecho ou a ferida da leishmaniose, e outras febres que matavam repentinamente. A paisagem de miséria e doenças contrastava com a natureza aparentemente pródiga, embora não fosse tão fácil ouvir o canto mavioso de alguma ave.

Sua atenção mudou ao chegar às hortas do Matias, uma várzea de massapé roxo, quase no final da subida, antes de entrar no tabuleiro. Várzeas como a dele tinham os solos mais férteis da região, mas eram também simples manchas dispersas pelo tabuleiro. O solo do resto das terras era muito variado, com os areais estendendo-se por todos os lados e infiltrando-se até nos solos de maior fertilidade.

Valdir espantou-se com o que viu. As hortas do Matias nem de longe se pareciam com as que ajudara a preparar mais de dez anos atrás. Agora ocupavam o saco todo, utilizando-se das águas para irrigar os canteiros de hortaliças e legumes, antes que se precipitassem serra abaixo. A antiga casa de palhoça desaparecera e, em seu lugar, fora erguida uma outra de tijolos e telhas. Da frente saía um caminho carroçável que devia dar acesso à estrada.

Matias não era serrano. Viera do sertão, flagelado por uma das secas dos anos 60, e fincara pé por ali como parceiro. Como ele, havia outros imigrantes. Mas a maioria dos habitantes de Matariz descendia dos velhos colonizadores da serra. A igreja, construída no centro do vilarejo, data dos primeiros anos de 1700 e simboliza a força e o poder daqueles

habitantes brancos, responsáveis pela expulsão e extermínio dos indígenas e pela organização de um sistema de vida que deitou raízes profundas.

O clã português inicial deu origem a muitas famílias de senhores de terras e de gente que se espalharam pela serra e também pela planície sertaneja. Sua brutalidade e ferocidade eram conhecidas e levou um dos patriarcas, sob a acusação de assassinato, a ser extraditado para Portugal, por ordem da Coroa, onde morreu preso.

Nos séculos passados, até meados deste, as famílias originárias do tronco-mãe degladiaram-se em guerras sangrentas pela terra e pela honra. A literatura sobre a sua mútua eliminação é variada. Só por um momento, em meados do século 19, uniram-se para derrotar a revolta dos balaios a ferro e a fogo, como era seu costume.

Iniciada no Maranhão, a insurreição dos escravos e brancos pobres espalhou-se e molhou as faldas da Ibipeba. Colocados em polvorosa, os senhores do sertão e da serra, os Bicudos, Canários e Curiós, parentes por descendência, transformaram-se em coronéis majores e capitães da guarda-nacional à frente de seus agregados. Foram comandados pelo então sargento-mór Sipaio, natural do pé-da-serra, que fez carreira e tornou-se, logo depois, um dos comandantes do exército na guerra do Paraguai.

Mas aquela união foi passageira. Voltaram a matar-se, até ficarem quase completamente arruinados. Sua força econômica despencou, tornando-se dispersa e diminuta. Muitos, empobrecidos, ficaram por lá como lavradores, ou migraram para as cidades ou outras regiões. Alguns

ainda conservaram latifúndios, o que lhes permitia pagar a absolvição de suas consciências pesadas com ofertas de bens à Igreja e aos santos.

Foi o que aconteceu com as terras, em cujo centro está Matariz, nas primeiras décadas do século 20. Seu proprietário, um dos descendentes do antigo clã doou ao santo padroeiro do lugar, São Loganso, diversos sítios de seu latifúndio, somando mais de três mil hectares. Como administradora do santo, a Paróquia de Iperá arrendava os sítios a famílias com condições de lhe pagar uma renda anual, ou foro, pela utilização da terra.

Estas famílias foreiras ou rendeiras, no entanto, não trabalhavam o solo. Elas o sub-arrendavam a trabalhadores rurais, cobrando-lhes metade (a meia) ou um terço (a terça) do que plantavam. Não usavam o sistema de parceria e participação sobre o produzido, que isso não era garantido. Utilizavam o sistema de partilha sobre a produção que a quantidade plantada deveria produzir.

Se um produtor plantava um litro de feijão, e era de consenso que um litro dessa fava produziria cinco sacos, ficava estabelecido que a renda a pagarão foreiro seria de dois sacos e meio, independentemente de ocorrerem problemas e haver queda na produção. Os rendeiros cercavam-se de cuidados contra as incertezas da lavoura, do tempo e das pragas. O máximo que poderia acontecer era aumentar o endividamento de seus parceiros.

Aliás, era difícil um parceiro não estar devendo, mesmo que a lavoura fosse boa. O fornecimento de café, açúcar e outros mantimentos, assim como das ferramentas para o trabalho, era feito pelos rendeiros, que

dominavam o comércio. E a conta a pagar pelos lavradores era sempre maior do que a parte da safra que lhes cabia. Além disso, os rendeiros monopolizavam, para seu próprio usufruto, as várzeas e as soltas de gado.

Nas várzeas, empreitavam trabalhadores para plantarem cana de açúcar, capim de pasto e fruteiras, ao mesmo tempo que proibiam aos lavradores semear esses bens de raiz nas terras em parceria. Não queriam qualquer pendência sobre posse. E se um de seus animais rompia o cercado de uma lavoura e comia mandioca brava ou mamona, morrendo, era o parceiro que, além de perder a roça ou roçado, tinha ainda que pagar o prejuízo do animal morto.

Doze famílias de rendeiros eram sustentadas, desse modo, por perto de 160 famílias de parceiros. Os rendeiros não eram os proprietários de direito do solo, mas o sistema de latifúndio vigorava como se fossem. Somente na década de 50, os lavradores encontraram, na industrialização do centro-sul uma válvula de escape para fugir desse jugo.

Os jovens e os chefes de prole dirigiram-se para São Paulo, Rio e, depois, Brasília, para trabalhar, juntar dinheiro, pagar as dívidas e libertar-se do cativeiro juntamente com a família esta continuava na terra, cuidando da roça e da lavoura e servindo de garantia para o pagamento das dívidas ao rendeiro.

Alguns conseguiram comprar sua carta de alforria, carregando as famílias para outros lugares. Muitos retornaram, pensando já ter uma noção do mundo por haver vivido e trabalhado na civilização.

Valdir pensava nisso tudo quando entrou no tabuleiro e avistou a palha e as telhas que cobriam as casas de adobe em volta do mercado.

Espantou-se novamente com a quantidade de moradias que havia nos arruados que partiam dali. Da última vez que olhara para lá, não havia mais do que cinco ou seis casas desalinhas. Agora, no caminho que seguia, havia palhoças e casas de um lado e do outro, o mesmo acontecendo com a rua que saia do outro canto do mercado. Perto deste, havia bodegas de que não se lembrava.

Mas o quadrado da praça principal de Matariz continuava o mesmo descampado de sempre, com as casas cercando o nada. No lado de cima, a velha igreja ladeada por algumas casas, além das duas grandes mangueiras que cresceram onde quiseram, sem serem perturbadas. Olhando da quina de baixo, as casas de alvenaria grossa que se alinham na calçada esquerda estavam do mesmo jeito, algumas pintadas com cores vivas e outras esmaecidas pela umidade do tempo.

Do outro lado, a casa paroquial se mantinha inalterada e isolada. Na calçada de baixo, as casas pareciam encolher-se embaixo do renque de mangueiras, com medo que os galhos quebrassem as telhas.

O descampado era o escoadouro e ponto de partida dos vários arruados e caminhos que iam de Matariz para os sítios e outros pontos de São Loganso. Do canto direito de cima saia a estrada para Iperá e uma rua de moradias, onde se ergue a caixa d'água tendo ao lado a casa das bombas do poço artesiano. Não é uma água gostosa, mas pelo menos é mais sadia do que a que corre nos banhados.

Do canto direito de baixo, o arruado termina tendo como continuação a estrada que vai para o sítio da Donana, onde dizem vagar as

almas penadas dos escravos enforcados nas mangueiras ou açoitados nos troncos.

Pelo canto esquerdo de baixo vai-se para o pé-da-serra ou, ao contrário, chega-se de lá de-a-pés, ou segue-se para o Olho D' Água e para o sítio do Monsenhor. Pelo arruado que sai do canto esquerdo de cima chega-se à antiga casa e pasto dos Alpes.

Valdir olhava para aquele quadrado dos ventos, quando se deu conta que se tornara centro da atenção e dos olhares dos moradores que àquela hora perambulavam por ali. Não reconhecia ninguém. Melhor. Talvez fosse bom conversar primeiro com a irmã Joana, agora a única voluntária diocesana a permanecer em Matariz. Ouviu alguém a seu lado:

- Pro mal que lhe pergunte, vosmicê é padre?

Não se perturbou. O mesmo tratamento de vosmicê e a mesma desconfiança de sempre a mostrar a alma do lugar. Alí, ainda era possível ouvir expressões do português antigo, misturadas a termos recentes, aprendidos do rádio ou das viagens. E ninguém dará uma informação a um desconhecido sem antes saber quem ele é e sem ter certeza de não traz consigo algum malefício escondido. Até porque, mesmo entre os descendentes pobres do lugar, pesa a moldura das tradições, das relações familiares, dos nomes e brasões dos ancestrais, impedindo-os de dar fim às querelas e rixas que às vezes os levam à morte de forma sorrateira e inesperada.

- Não, não sou padre, mas vim procurar a irmã Joana a pedido do bispo. Faz tempo eu morei aqui a trabalho da diocese e agora estou

visitando Matariz, respondeu Valdir, sem estar seguro de que isto resolveria o problema.

- Qual é a sua graça?

- O interrogatório prosseguia. Há quanto tempo não alguém perguntar por "sua graça"? Como se chamaria? Valdir, o verdadeiro, ou Zé Alves, como era conhecido ali dez anos atrás?

- Naquele então todo mundo aqui me conhecia como Zé Alves. Mas agora não sei se tem muita gente que ainda se lembra de mim...

Foi interrompido.

- Zé Alves... Já ouvi falar. Vosmicê não foi gerente da cooperativa?

- É isso mesmo.

- Vosmicê veio pra resolver o caso das terras?

- Caso das terras? Não, não estou sabendo. Só vim pra rever o pessoal daqui e conversar com as pessoas, saber o que está havendo. Quem vai resolver o caso das terras deve ser a diocese e o INCRA. Mas antes eu preciso saber onde fica a irmã Joana.

- Vou levar vosmicê lá. Eu sou o Juvêncio, filho do Boanerges. Vosmicê lembra dele?

Juvêncio tinha uns 20 anos. Era baixo e magro, a pele morena, o rosto lembrando mais traços indígenas do que negros. Claro que Valdir se lembrava do Boanerges, com seu jeito manso de tratar as pessoas e as coisas.

Deram a volta pelo mercado e seguiram pela rua paralela ao caminho que vai para o Olho d'Água.

- É essa aqui, disse ao mesmo tempo que batia palmas.

- A porta, como quase todas do lugar, tinha duas bandas, a de cima sempre aberta, enquanto a de baixo permanecia fechada para impedir a entrada de animais. Irmã Joana assomou com ar tranqüilo.

- Oi, Juvêncio, o que foi?

- Seu Zé Alves aqui quer lhe falar.

Joana olhou Valdir entre espantada e surpresa.

- Você é o Zé Alves? Mas o bispo ficou de me avisar para ir lhe esperar em Iperá.

- É, mas eu resolvi vir direto.

- E você conseguiu condução fácil?

- Bem fácil eu vim a pé.

- Vosmicê veiu de-pés? Vamos entrar.

A sala era de terra batida, mas varrida e limpa, com alguns bancos espalhados perto das paredes. Uma pequena mesa retangular, coberta com uma renda, completava o mobiliário. Um crucifixo de madeira e alguns quadros com ilustrações adornavam as paredes. Uma passagem dava para a cozinha e uma porta encostada parecia dar acesso ao único quarto existente.

Valdir, ou Zé Alves, colocou a sacola no chão e se sentou num dos bancos. Juvêncio também não esperou convite. Abancou-se em frente e parecia uma coruja atenta a tudo.

- O café é novo e ainda está quente, disse Joana. Sem esperar resposta, dirigiu-se à cozinha e votou logo a seguir, com as canecas e o bule.

Deixado na chapa do fogão à lenha, o bule e o café conservam-se quentes, mas a bebida vai curtindo e se tornando mais amarga do que o natural. Mas aquele estava realmente novo e foi bebido com gosto.

- O bispo pediu para lhe arrumar a casa paroquial para você pousar. A Maria do Pedro Baio já deve estar lá limpando e arrumando.

- Não tem pressa, acalmou Valdir. Passei primeiro aqui para conversar com você e me informar das coisas. O Dom me disse que você tem uma visão geral de como está São Loganso e isso é importante para a pesquisa.

Joana desviou a vista para Juvêncio.

- Oh Juvêncio, como vosmicê ta de trabalho? Dá para acompanhar o Zé Alves nas andanças dele aqui?

- Eu só tenho a limpa do roçado, mas isso eu tô fazendo bem cedo. No resto do dia eu posso ir adjunto.

- Então ta bom, essa parte está resolvida. Mas antes de lhe contar o que eu sei sobre como as coisas estão andando por aqui, eu bem que queria saber o que aconteceu antes. O Dom me falou que você trabalhou aqui no início dos setenta e ninguém sabe me contar direito o que aconteceu nesse tempo. Já ouvi umas três ou quatro histórias e nenhuma explica porque chegamos no ponto em que chegamos.

- Há quanto tempo você está em Matariz?

- Faz seis anos. E parece que nunca houve qualquer trabalho de conscientização e organização por aqui. A cooperativa foi fechada, mas parece que ainda está aí, com um monte de problemas difíceis de resolver.

Agente sabe que houve alguma coisa, que foi feito muito trabalho mas o quê, eu não sei.

Tudo isso foi dito por Joana sem emoção, sem altear a voz um tom sequer, mas com convicção. Valdir entendeu que já estava a trabalho.

- Você tem tempo?

Joana assentiu com a cabeça. Juvêncio não se mexia, mas suas pálpebras abriram-se um pouco mais e seus olhos negros pareciam retesados.

- Então vamos lá. Você pelo menos sabe como era Matariz quando as terras foram doadas para São Loganso, como era o sistema de domínio e o que o Dom e a equipe diocesana decidiram fazer aqui, não é verdade?

Joana voltou a assentir com um gesto leve de cabeça.

## **A Cooperativa**

- Na metade dos anos 60, quando a diocese foi desmembrada, o Dom veio para cá com as idéias do ecumenismo e do novo sentido social da doutrina da Igreja. Ele conhecia bem a situação dos lavradores, principalmente dos pobres, e não se conformava com as formas de exploração e domínio praticadas nos sistemas de agregação, arrendamento e parceria, no fundo tudo igual.

- Até hoje não se conforma, completou Joana.

- Agora, você imagine ele descobrir que a diocese administrava terras de santo em que funcionavam os mesmos sistemas que ele abominava. E não era só aqui em São Loganso, não.

- O que é abominava, perguntou Juvêncio.

Valdir sorriu. Por um momento daquele assistente atento.

- Tinha nojo, desprezava, era contra. Viu então a possibilidade de realizar um velho sonho: fazer uma reforma agrária experimental nas terras da Igreja, para dar o exemplo. Agora tinha as terras do santo, podia acabar com o sistema dos rendeiros e libertar as terras para usufruto dos camponeses. Melhor ainda que pudesse ser em regime comunitário. Sua idéia era fundar uma cooperativa dos camponeses, de modo que o sentido social do trabalho ficasse bem acentuado.

- Mas os camponeses nem sabiam o que era cooperativa, e acho que até hoje não sabem direito, retrucou Joana. Parecia um negócio bem de cima para baixo.

- Em parte você tem razão. Mas se não houvesse algum impulso de cima para baixo, até hoje os antigos rendeiros talvez estivessem fazendo como sempre fizeram. O fato é que o Dom conseguiu alguma ajuda financeira no exterior para iniciar uma experiência de desenvolvimento comunitário. Com a ajuda do Movimento de Educação de Base, o MEB, foram realizadas diversas campanhas educativas, principalmente sobre cooperativismo. Em 1966, quando a primeira equipe chegou aqui para visitar as casas, tinha gente que fugia com medo.

- Devia de ser tudo bugre naquele então, comentou Juvêncio.

- Olha só quem fala, devolveu Joana prontamente.

Juvêncio riu. Já estava acostumado com os comentários da freira e não se importou. Valdir continuou:

- Ainda em 1966, a diocese doou os 3.500 hectares do santo para uma experiência de desenvolvimento comunitário. Era um projeto em que o povo que participasse dele deveria se tornar, progressivamente, conforme dizia o Dom, autor e sujeito de seu crescimento integral. Ele tinha a esperança de ver, ainda, nascer experiências semelhantes em terras próximas. E sonhava encontrar concidadãos que amassem seus irmãos a ponto de buscar a democratização das oportunidades. Para ele, a experiência de Matariz deveria ser um testemunho de que sua diocese queria ser uma igreja servidora e pobre.

- Então a cooperativa foi fundada em 1966? Quis saber Joana.

- Não, foi fundada em 1967, com 97 sócios e um capital de 1.370 cruzeiros. Cada sócio fundador deve ter pago a taxa mínima de dez cruzeiros. O objetivo era melhorar a subsistência, reunir os sócios em

grupos comunitários de produção e estimular a iniciativa familiar. Cada família poderia trabalhar num pedaço de terra. Nesse mesmo ano veio uma equipe da capital, por causa de um convênio com a Universidade Federal. A diocese tinha conseguido 30 mil dólares de uma entidade francesa, o Comitê Católico contra a Fome, para elaborar o projeto de desenvolvimento comunitário. Vieram então economistas, sociólogos, agrônomos, assistentes sociais, e passaram um tempo aqui. Pesquisaram a situação econômica, estudaram a possibilidade de aproveitamento das terras e assuntaram onde poderia ser vendida a produção por melhores preços. Pesquisaram também a situação das famílias, como elas enxergavam os próprios problemas e a solução deles. Organizaram escola para adultos e procuraram motivar as pessoas para a cooperativa.

- Em que ano foi mesmo isso, seu Zé, perguntou Juvêncio.

- Eles começaram em 1967. Escreveram um bocado. Se vocês lerem o trabalho deles, vocês vão ver que a equipe estava motivada e cheia de boas intenções. O estudo é muito interessante. Mostrava que o solo daqui é fraco, mas bem manejado podia alimentar as famílias com outras variedades de plantas, além da mandioca, da cana e do feijão fradim.

- Meu pai diz que naquela época só se podia plantar maniva e toco de cana, agregou Juvêncio. Joana sorria ao ver a atenção do rapaz.

- É verdade. Talvez por isso, a equipe chegou à conclusão de que o desconhecimento de outros tipos de plantio se devia a uma proibição que vinha de longe. Com a cobiça de manterem a terra só para si, os rendeiros,

além de não permitirem aos parceiros o livre acesso à terra, os impediam de plantar bens de raiz.

- Mas a gente sabe que só isso não adiantava, alertou Joana.

- A equipe também sabia. Os parceiros, pobres como eram, precisavam de financiamento, que substituísse o fornecimento feito pelos rendeiros. Isso pra não falar da precisão da ajuda técnica e outros tipos de assistência. Todas essas informações e necessidades foram trabalhadas e transformadas pela equipe num senhor projeto, de duzentas páginas, o Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Núcleo Rural de Matariz, que só ficou pronto em 1970. Foi tudo muito bem detalhado. Só que lendo o projeto e conhecendo São Loganso, principalmente naquela época, você via logo que as duas coisas não se combinavam.

- Como assim? Perguntou Joana.

- Vejam bem: o projeto era bem estruturado. Tratava dos objetivos econômicos e sociais e dos aspectos administrativos, detalhava os aspectos econômicos, apontava o programa de produção anual, as condições do mercado e da comercialização, dizia que produtos pecuários e agrícolas seriam obtidos, quais as inversões necessárias e qual a estrutura de custos, e definia os aspectos financeiros, como a rentabilidade, a capacidade de pagamentos, a amortização do financiamento e o ponto de nivelamento...

- Que ponto é esse? Quis saber Juvêncio, como se houvesse entendido todo o resto.

É o ponto em que a cooperativa alcançaria capacidade para se auto-sustentar. Pelo projeto, a cooperativa levaria quatro anos para

implantar o projeto e dez anos para ser autofinanciável. Para chegar a isso, deveria realizar a exploração racional da bovino-cultura, suíno-cultura e avicultura. Em outras palavras, a cooperativa deveria criar gado, porcos e aves com um alto padrão técnico, formando pastagens de capim especial e produzindo grãos para transformar em ração. A partir do quarto ano, a produção anual das criações deveria render quase 400 mil cruzeiros, e a produção de algodão, feijão, mamona, mandioca e outros produtos, deveria render perto de 300mil cruzeiros. Pra fazer tido isso seria necessário um investimento de cerca de dois milhões de cruzeiros, uns 340 mil dólares, durante esses quatro anos.

Joana e Juvêncio arregalaram os olhos e falaram quase ao mesmo tempo:

- 340 mil dólares!!!

- É isso aí, 340 mil dólares. Mas se vocês pensarem bem, não era lá muita coisa. Seriam pouco mais de dois mil dólares para cada uma das 160 famílias de parceiros de São Loganso. Trezentos e quarenta dólares, em quatro anos, para tirar da carência cada uma das mil pessoas, mais ou menos, que viviam nessas terras. Mesmo assim, para as entidades financiadoras era uma dinheirama. Mas esse não era o porém mais complicado. O mais complicado é que os lavradores não tinham qualquer idéia do projeto, nem de como tocá-lo. Eles não tinham experiência de criação intensiva de gado, aves e porcos, como o projeto exigia. Além disso, os 3.500 hectares do santo estavam dispersos por 16 sítios, sendo 7 deles distantes 3 a 7 léguas de Matariz, o que tornava difícil adotar práticas

agrícolas de alta produtividade. O projeto parecia preparado para outra realidade.

- Só se tivesse técnico de fora o tempo todo, sugeriu Juvêncio.

- É, continuou Valdir, o projeto previa a permanência aqui de técnicos e trabalhadores especializados para administrar o projeto, orientar os lavradores e educá-los para assumirem a direção da cooperativa. Por isso, previa também muita despesa com trabalho assalariado, que não poderia ser feito por gente daqui.

- Meu pai dizia que por causa disso o pessoal achava que a cooperativa era coisa de comunista. Diz que foi até preciso o bispo vir aqui para explicar que não era nada disso, acrescentou Juvêncio. Este era um complicador a mais. O pessoal de São Loganso não só não tinha idéia do que era uma cooperativa, como acreditou na boataria espalhada pelos rendeiros de que a cooperativa era uma criação comunista para tirar a religião do povo e dominar todo mundo. O pessoal de fora seria tudo comunista. E não adiantava os membros da equipe desmentirem, já que eles eram o próprio alvo da boataria. A coisa realmente só melhorou depois que o Dom passou uns dias aqui explicando o que era uma cooperativa, para quê ela servia e qual era a missão das equipes.

- Mas por que isso não foi explicado e discutido antes com a população? Joana parecia inconformada com essa falha.

- Não sei. Talvez porque ninguém tenha se dado conta de como os lavradores daqui pensavam realmente, da influência das tradições e dos antigos rendeiros sobre eles, do medo ao comunismo ou a qualquer coisa parecida com ele, e do respeito quase religioso à autoridade e à lei. Sei lá.

Havia um dito de quem amansasse o terreno teria o direito a plantar dez anos. E muita gente não entendia porque as terras haviam sido doadas. Tinham medo de plantar nas terras da cooperativa porque nunca tinham visto alguém dar terra de graça e preferiam pagar arrendo de quatro por um. Desse jeito, o boato grudou e mesmo após o desmentido do Dom muita gente continuou acreditando que a cooperativa era comunista.

Alguns rendeiros também processaram a diocese por haver rompido os contratos de aforamento com eles. Todos os contratos haviam findado em 1965 e era só não renová-los para evitar problemas legais. Mas, não sei por que cargas d'água, o pároco de Iperá os renovou em 1967. Apesar disso tudo, seguiu-se adiante. O projeto foi enviado para a Europa e, na certeza de que seria aprovado começaram a implantá-lo com o dinheiro que ainda havia restado.

- E era muita coisa? Atalhou a curiosidade de Juvêncio.

Valdir parecia pensar no que responder. Joana veio em seu auxílio:

- O Dom me falou uma vez que não. A Misereor havia doado 30 mil dólares para a elaboração do projeto e, enquanto se esperava sua aprovação, a diocese conseguiu várias pequenas ajudas para o andamento dos trabalhos. Mas isso não era bastante para sustentar a cooperativa.

- Parece que a coisa foi desse jeito. Em 1970 entraram uns 15 mil cruzeiros em doações. Eu não estava aqui nessa época, mas soube que a equipe se desgastou com muita rapidez. Talvez confiantes de que o dinheiro viria, eles adotaram um estilo meio complicado de trabalho, como

se estivessem numa cooperativa rica. Só andavam de jipe e formavam um grupo meio fechado aos olhos do povo daqui. Alguns até conseguiram fazer boas amizades e granjear simpatias, mas nunca atravessaram a ponte que separa o homem urbano do homem rural. Os posseiros não chegaram a considerá-los como "gente sua".

Para piorar a demora na aprovação do projeto e no envio dos fundos gerou descrença e desconfiança entre os lavradores. A equipe teve que ir embora, mais uma vez por falta de recursos financeiros, como havia acontecido com as equipes que trabalharam aqui em 1967, 68 e 69.

Valdir fez uma pausa. Por um momento pareceu absorto, procurando lembrar-se melhor do que acontecera.

- Não conheço em detalhes a história de cada uma dessas equipes que estiveram aqui. Mas sei que todas elas enfrentaram os mesmos problemas. A cooperativa debatia-se em dificuldades financeiras e, como consequência, vivia às voltas com questões administrativas e piorava sua relação com os associados. Se vocês olharem os documentos da cooperativa vão encontrar um monte de advertências da diretoria a associados sobre débitos de anuidade e de empréstimos e sobre o uso não autorizado de lotes de terra por familiares, principalmente filhos. Em resumo, os problemas aumentavam e a cooperativa não tinha como auxiliar na produção e na comercialização das safras.

Aí acontecia o pior: mesmo sem cobrar a renda, pouco a pouco os antigos rendeiros iam refazendo seu domínio. Eles adiantavam o fornecimento para os lavradores, cobrando juros muito grandes. Com isso, amarravam a compra da produção na folha, a preço de nadica, quando os

mantimentos acabavam antes da safra e o pessoal tinha que vender o que tinha pra dar de comer aos filhos.

- Ainda hoje isso acontece, completou Joana. Vosmicê não sabe como esse pessoal sofre e faz força pra não vender a lavoura na folha, mas a dor no bucho é mais forte. O pior é que o alívio é por pouco tempo. O dinheiro acaba logo, e eles têm que trabalhar de alugado na colheita da lavoura que venderam. Já vi muitos chorarem quando fazem as contas da safra e do preço que conseguiram.

- Eu mesmo quase morri de raiva quando tive que vender meu roçado no ano retrasado por duzentos cruzeiros pra prepotência do João da Venda e depois vi que ele ganhou dois mil cruzeiros limpo-limpo com o que colheu, cortou Juvêncio.

- Pois é, era desse jeito que os ex-rendeiros mantinham seu domínio, continuou Valdir. Não tinham a meia nem a terça mas estavam livres para usar outros mecanismos de exploração. E, ainda por cima, diziam estar comprando a lavoura na folha, ou alugando trabalhador por salário, de pura bondade, pra mode de ajudar os necessitados. Além disso, continuavam ocupando as terras mais férteis e suas roças e lavouras eram as mais extensas e as que se expandiam sempre.

Veza ou outra a diocese obtinha algum novo auxílio externo para a cooperativa, permitindo financiar o plantio, a colheita ou a comercialização e aliviar a pressão sobre os lavradores. Porém, isso era esporádico. A cooperativa se esvaziava, os associados que estavam na diretoria eram culpados pelos outros lavradores pelo que acontecia, juntamente com as equipes da diocese que vinham trabalhar em São Loganso.

A serra e São Loganso viraram abacaxi azedo e coroa de espinhos. Ninguém tinha solução e as equipes vinham para cá como se viessem pagar penitência pelos pecados cometidos.

- Já chegavam derrotados e depois saiam estropiados, acrescentou Joana.

- Parece que sim. De qualquer modo, pouco conseguiam fazer para contrapor-se aos antigos rendeiros. Esses aí realizavam um trabalho corrosivo, minando a simpatia dos lavradores pela diocese e pela cooperativa. Estimulavam a desesperança, ao mesmo tempo que entravam na Justiça para obter o domínio legal das terras do santo por usucapião, com aquela história de haverem amansado o terreno. Faziam como cobra encantando passarinho: queriam que os lavradores ficassem parados que nem pedra. Foi desse jeito que eu encontrei São Loganso em 1971, depois de haver passado pela grande seca de 70.

- Vosmicê veio sozinho?

- Não, nós éramos uma equipe de três. Havia uma enfermeira, a Marlene, e um ex-seminarista italiano, o Mário da Tereza, que já estava há muito tempo no Brasil e na diocese.

- Mas por quê vocês vieram para cá? Quis saber Joana. A outra equipe queria ir embora?

- A outra equipe já tinha ido embora, não havia mais ninguém aqui. O dinheiro acabara e não havia como sustentá-la, além dos problemas críticos que atacavam todas as equipes que vinham para cá. Assim, quando foi obtido novo auxílio externo, a diocese projetou nova

tentativa e procurou gente para formar outra equipe. Só o Mário era da diocese e já participara de uma das equipes anteriores aqui na serra. A Marlene era da capital e foi selecionada entre vários candidatos. Eu andava pelo sertão naquela época, e como precisavam de um técnico agrícola para a equipe, fui indicado como candidato. Tive antes que passar pela sabatina do agrônomo da Ancar...

Ancar? Interrompeu Juvêncio.

É, hoje é a Emater. Eu tive que ser aprovado por ele. Era uma equipe técnica variada: uma enfermeira, um quase-padre e um meio-técnico agrícola. Eu deveria assumir a gerência da cooperativa. Não sei se era bem a melhor equipe para salvar a experiência de reforma agrária de São Loganso. Como realizar tal missão, era coisa que a própria equipe deveria pesquisar e definir, conforme o próprio Dom nos falou na primeira reunião que tivemos com ele.

- Não deixava de ser desafiante, brincou Joana.

- É... é verdade. Mas era também temerário, como se estivéssemos na beira do abismo, à noite e sem fife e nos avisassem que não sabiam se a pirambeira estava à frente, ao lado, ou atrás.

Juvêncio achou exagerada a comparação.

- Não era bem assim. Meu pai falou que todo mundo sabia das dificuldades. Era sempre os mesmos pontos: deixar de trabalhar na diária para os reideiros e fazer roça ou roçado, mas como? Se não havia com quê comprar o de-comer; deixar de vender na "folha", mas ninguém sabia como, se não havia com quê pagar as dívidas, os remédios e tudo o mais, e, plantar, mas com quê? Então, o caso era arrumar dinheiro.

Valdir sorriu.

- É verdade, é verdade. Vosmicê tá por dentro da história. Todo mundo sabia os problemas que afligiam. Não era difícil percebê-los e descobri-los. Eles saltavam à vista. Havia também os relatórios e descrições dos membros das antigas equipes, que traçavam um quadro muito nítido das dificuldades enfrentadas. Mas, mesmo que houvesse algum dinheiro, não era tão simples decidir o que fazer. Deveríamos continuar presos ao projeto? Continuar adotando meias-medidas - como até então - aguardando sua aprovação por algum organismo internacional de auxílio e assistir, apesar dos esforços, ao deterioramento da situação? Ou adotar uma nova linha de ação, mesmo que não estivesse em concordância plena com o projeto, mas que contribuísse para mudar a situação dos lavradores?

Juvêncio se animou:

- Meu pai disse que quando vosmicês chegaram para cá, viviam em reunião com todo mundo. Que passaram um bom tempo sem fazer outra coisa.

- É isso aí. Foram dias e dias de trocas de idéias entre a equipe e os lavradores mais ativos, e também entre a equipe e outros ativistas diocesanos e entre a equipe e o bispo. No final decidiu-se escolher um novo caminho. Acertou-se aproveitar de duas maneiras o auxílio externo recebido. A primeira, realizar um empréstimo individual de 50 cruzeiros a todos os associados sem exceção. Era pequeno, mas ia ajudar o povo a preparar a terra para as roças e realizar o plantio. A segunda, separar uma parte do dinheiro para emprestar a pequenos grupos comunitários, de 3 ou

mais pessoas, que realizariam em comum a preparação do terreno, o plantio e a limpa das roças. Esses grupos, que foram chamados mutirão, partiam das experiências anteriores de trabalho comunitário, realizadas desde 1967.

Os empréstimos deveriam retornar à cooperativa por ocasião da safra de farinha, com um juro insignificante, que na verdade não correspondia sequer à desvalorização do dinheiro. Porém, a gente tinha claro que dificilmente o pessoal ia ter condições de pagar o empréstimo, em vista da carência em que vivia. Em vez de dever para os fornecedores, passariam a dever para a cooperativa. Com a vantagem de que a cooperativa não ia exigir deles trabalho na diária para desconto na dívida.

Os que participavam nos mutirões teriam vantagem sobre os demais: eles trabalhariam uma parte do dia na área comum do mutirão e outra parte em seus próprios lotes.

- Então, por quê todos não participavam do mutirão? Perguntou Juvêncio.

- Uns não acreditavam no trabalho conjunto, outros não gostavam. Havia também as desavenças pessoais: me lembro de um que queria ir para algum grupo mutirão, mas acabou não indo porque em cada um dos grupos formados havia um desafeto. A maioria ficou de fora dos primeiros grupos, mesmo porque o dinheiro para financiamento era limitado.

## Os mutirões

Valdir fez uma pausa. Lembrou-se que o mutirão não era uma tradição naquela região. Era mais comum a troca de serviço mas em pequena escala. Foi a equipe de 1966 que introduziu o trabalho comunitário, que deu alguns bons resultados e serviu de base para a retomada de 1971, com o nome de mutirão.

- Resolvemos elaborar vários pequenos projetos, mais fáceis de serem financiados por organismos internacionais de ajuda, e reforçar o trabalho dos mutirões. No total acho que preparamos uns 16 microprojetos, a partir das propostas dos próprios associados. Elaboramos alguns para a diversificação agrícola com plantio de legumes e hortaliças, soja modubim, mamona e fruteiras. Para a criação de pequenos lotes de vacas leiteiras, fizemos dois projetos como etapas de um projeto maior: o da primeira fase objetivava implantar uma pequena criação com quatro vacas, como experiência piloto. O da segunda fase já previa ampliação da cerca, curral, estábulo, capineira e mais cinco vacas. Também preparamos alguns microprojetos para o financiamento do custeio da produção e comercialização da mandioca e para a perfuração de poços artesianos.

- De quanto era cada um desses projetos? Quis saber Joana.

- Coisa de uns mil a mil e quinhentos dólares, uns seis a sete mil cruzeiros na época. É verdade que o projeto das vacas e de hortaliças era composto de vários microprojetos que chegavam a uns quatro mil dólares. Realizados através de grupos mutirões, teriam uma eficiência maior. Na época nós achávamos que poderíamos conquistar todos para o trabalho

nos grupos, mostrando-lhes as suas vantagens. Se isso acontecesse, todos seriam beneficiados igualmente.

Joana riu.

- No fundo, no fundo, vocês também eram uns sonhadores.

- Sem sonho não se véve, como diz o povo do sertão, devolveu Valdir. E se você pensar bem, a formação de mutirões era até um sonho modesto para quem tinha em vista implantar um projeto de reforma agrária numa ilha cercada de latifúndio por todos os lados. O maior trunfo nosso era o dinheiro para o financiamento do trabalho. A conversa e o convencimento das vantagens do trabalho em grupo ajudavam, mas não eram a atração principal. A gente pelo menos tinha consciência disso.

Quando o dinheiro chegou - foi rápida a aprovação dos microprojetos - a gente passou logo a organizar os mutirões. Os recursos davam para uns 5 grupos de 7 a 10 lavradores cada. Na prática, cada família teria alguém trabalhando nos mutirões, o que reforçava o trabalho das roças e roçados familiares. Nessas condições, podíamos inverter o processo de dominação dos antigos rendeiros, vencer sua resistência aos projetos e à cooperativa e, principalmente, atenuar o estado de penúria dos camponeses.

Miséria em demasia leva a um conformismo fatalista. Ninguém se liberta se cair nesse estado, acrescentou Joana.

- É isso mesmo. Por isso, concentramos nossos esforços em esclarecer e motivar os mais favoráveis aos mutirões, de modo que eles tomassem a si a tarefa de organizar os grupos. Demos especial atenção a um grupo de mulheres que dia a dia se tornavam mais interessadas nos

projetos. O Dom esteve em visita a São Loganso e palestrou para o povo, dando muita força para os projetos comunitários.

- O que ele falou? Quis saber Juvêncio.

- Ele disse mais ou menos o seguinte: que era preciso ir adiante com os projetos comunitários. O futuro era dos conjuntos, devendo-se fazer de modo que o trabalho individual e o trabalho individual e o trabalho em grupo fossem repartidos e se desse atenção aos dois. Mas o que poderia mesmo fazer a situação melhorar era o trabalho de grupo. Por isso se deveria manter o grupo em pé e unido. Ele também incentivou os grupos a praticarem a ajuda mútua. Cada um do grupo ajudar ao outro, o grupo todo ajudar ao que está precisando mais, um grupo ajudar outro grupo. E lembrou que todos faziam parte de uma mesma grande comunidade, a comunidade dos pobres, que só poderia libertar-se como grupo e como indivíduo quando toda a comunidade se libertasse. Por isso estimulou o grupo a não se fechar em si mesmo, mas agir junto a todas as comunidades. Eu estou só traduzindo com minhas palavras o que ele falou naquela ocasião. Mas vocês sabem a forma como ele apresenta as palavras e podem fazer uma idéia melhor do que ele disse.

- É engraçado, ponderou Joana, como as coisas que você está contando são desconhecidas ou foram esquecidas pelo pessoal daqui. Só alguns lembram dos mutirões, mesmo assim como um banho rápido de cachoeira.

- Dez anos não são pouco tempo. Os mutirões tiveram uma vida ativa de um ano, se muito. De qualquer modo, vocês vão se espantar ainda mais com os acontecimentos de implantação dos projetos pelos

mutirões. E, se eles foram esquecidos, o mistério será ainda maior. Mesmo porque eu não estou lhes contando coisas de ouvir dizer. Eu estou contando coisas que vi e participei. Não foram sonhos nem pesadelos, foram vida real, animou-se Valdir.

Joana levantou-se.

- Deixa eu ver como está o feijão. Daqui a pouco é bom almoçar, que barriga vazia não rima com conversa boa e trabalho.

Valdir também se levantou para beber água. Juvêncio continuou pregado no banco, os olhos parecendo fixos no horizonte estreito da janela.

- Tudo bem, retornou Joana. Ainda tem bastante água e o fradinho não é fácil de amolecer e fazer caldo. Ainda dá pra gente avançar na prosa.

Tornando a sentar-se, Valdir retomou o fio da conversa:

- Pois é, como eu ia dizendo, a organização dos mutirões tomava todo o nosso tempo. Pode ser que agora ninguém se lembre mais, mas naquela época era assunto pra tudo que é roda. A dianteira foi tomada pelo grupo do Jorge e do Adriano, que eram duas lideranças antigas do lugar. O Jorge inclusive vivera no Rio e tinha até experiência de sindicato. Eles conseguiram juntar um grupo de dez ou doze lavradores, não me lembro ao certo, para tocar uma roça grande de mandioca lá perto do sítio da Donana. O Matias também começou a organizar um grupo para plantar hortaliças lá no saco onde ele morava. Os companheiros dele eram quase todos imigrantes, com alguma experiência em roçado no sertão. Seja por isso, seja porque eles se propunham a fazer uma coisa que nunca tinha

sido feita aqui na serra, todo mundo achava que eles eram malucos e quase ninguém queria que o mutirão deles fosse financiado.

Juvêncio não se agüentou.

- E hoje o Matias é um dos mais ricos do lugar. Malucos eram os outros.

- Sei lá, continuou Valdir... o fato é que os grupos começaram a tomar corpo. Aí aconteceu uma coisa meio inesperada: a Das Dores e a Quitéria pediram uma reunião com a equipe. Elas vieram tão solenes e formais que eu quase ri quando elas fizeram o pedido. Aí sentamos os três da equipe, mais elas duas e outras cinco ou seis mulheres, não me recordo bem. A reunião chamou a atenção e, como era de hábito, chegaram-se mais algumas pessoas. Mas, com a mesma solenidade que haviam solicitado a reunião, elas avisaram que era um particular com a equipe e fizeram todos saírem.

- Quer dizer que esse jeito delas vem de longe, observou Joana. Desde que eu cheguei, venho reparando que as mulheres daqui são muito independentes e com autoridade nas famílias. Talvez seja porque quando os maridos vão trabalhar no Sul, elas assumem toda a responsabilidade e carga das dívidas, da produção, do cuidado com os filhos. Têm muitas que sabem mais do que os maridos o que aflige suas famílias e o que deve ser feito. E quando elas precisam enfrentar alguma dificuldade elas em geral não fogem.

- É isso aí. Elas queriam a reunião justamente para dizer que iam se organizar num ou dois mutirões só de mulheres e que um dos grupos pretendia trabalhar na Baixa do João da Venda. Elas não vieram pedir

permissão, e nem era para pedir, mas para comunicar de um modo até autoritário. Na verdade, a gente até nem se incomodou com isso. Pelo conhecimento que nós já tínhamos, essa atitude ia mexer com os brios masculinos e ia contribuir para organizar mais facilmente os mutirões. No final, conseguiu-se formar 6 grupos, sendo 2 de mulheres, com uns 40 cooperados. Não era um início ruim.

As reuniões com cada grupo sucederam-se para resolver os problemas da broca, do sistema de leiras e do regimento de trabalho. No caso das mulheres, a broca teria que ser empreitada com os homens.

- Isso deve ter dado um bocado de mangação com as mulheres, lembrou Juvêncio.

- Deu mesmo. Os homens diziam que as mulheres queriam trabalhar sozinhas, mas na hora do trabalho duro tinham que chamar quem podia. Mas elas não estavam nem aí para a mangação. Elas foram as primeiras a aceitar a introdução do sistema de leiras conforme as curvas de nível, para diminuir a erosão e permitir o maior crescimento das manivas, e a intercalação de alguns tipos de feijão entre as plantas para aumentar a fertilidade do solo. A elaboração dos regimentos de trabalho pelos próprios lavradores foi um aprendizado. Os regimentos definiam como o empréstimo deveria ser utilizado pelo grupo, estipulavam o número de horas e dias de trabalho em grupo, diziam o que o lavrador deveria fazer em caso de doença e de como deveria repor os dias que não trabalhara, e tratavam de outros assuntos que regulavam, de comum acordo, as relações dentro dos grupos.

- Eles mesmos conseguiram fazer isso? E a equipe o que apitava?

Perguntou Joana.

- Pelo jeito, não apitava nada, completou Juvêncio.

Valdir riu. Lembrou-se rapidamente de que fora justamente o jeito meio solto da equipe, deixando que os assuntos fossem debatidos livremente pelos grupos empenhando-se em levar em conta as opiniões dos membros dos mutirões, que permitiu uma maior integração sua com os lavradores, pelo menos com aqueles que faziam parte dos grupos.

- A equipe realmente não apitava naquilo que os mutirões sabiam fazer melhor do que ela. Algumas melhorias técnicas ocorreram graças ao nosso trabalho. Mas agente sabia que o melhor espaçamento, a melhor época de plantio e outros métodos comprovados não deveriam ser mudados, a não ser após muita experimentação. Nesses casos, quem dava a ordem eram os próprios lavradores. No caso do valor ou montante dos empréstimos, a equipe travou verdadeiras batalhas de convencimento com cada mutirão. Eles utilizavam critérios diferentes entre si para determinar o valor de certos trabalhos, em função do tipo de solo, de terreno, de aguada e assim por diante. Isto nos obrigava a colocar todos os grupos na discussão dos valores, de modo a não haver privilégios ou injustiças. Além, é claro, de termos uma quantia total que não podia ser esticada, por mais que quiséssemos. Por isso, embora houvesse uma discussão franca e aberta, a palavra final sobre o total que cada mutirão ia receber de empréstimo cabia à equipe. E os termos do contrato entre a Cooperativa e os grupos tinham que ser muito claros também na definição do local de trabalho, da finalidade, isto é, da quantidade de quadras de milho,

mamona, mandioca ou outras plantações, da quantidade de dias de trabalho para brocas, plantio e limpas e do valor da diária - naquela época a diária era de quatro cruzeiros - da viabilidade da produção, dos nomes dos participantes e, principalmente, de como seria distribuída a renda bruta obtida pela produção do grupo.

- Então era um contrato brabo? Brincou Juvêncio.

- Tinha que ser sério. A gente estava lidando com o dinheiro da Cooperativa e tinha que prestar contas dele. A renda bruta obtida na produção tinha que retornar em parte para a Cooperativa, em parte trabalho comunitário. Tinha gente que queria dividir tudo entre os membros do grupo. Alguns aceitavam pagar o empréstimo da Cooperativa e nada beneficiar os membros do mutirão e, em parte, estimular a continuidade do mais. Depois de muita conversa, a gente conseguiu desatar esse nó, ficando acertada a divisão da renda bruta em dez partes: quatro partes seriam divididas entre os membros do grupo.

- Assim o mutirão ficava com quase tudo, lembrou Juvêncio.

- É verdade, mas você pode notar que a parte que ia ser ganha e gasta pelos membros do grupo era do mesmo tamanho da parte que ia voltar para a produção da outra safra. Se todo mundo cumprisse o acordado, ia haver uma poupança para autofinanciar o trabalho. Assinados os contratos e adiantado o dinheiro, cinco dos mutirões iniciaram logo o trabalho de broca e limpeza das roças. Mas um dos grupos de mulheres, justamente o mutirão Das Dores, encontrou forte resistência contra a pretensão de plantar a roça na baixa do João. Já adivinhando o que poderia acontecer com suas plantações se o mutirão das mulheres fosse

atendido, todos os ex-rendeiros afirmavam que não abririam mão dos terrenos que vinham utilizando, em especial das baixas. Criou-se um rebuliço brabo. O pessoal, principalmente o dos mutirões, considerava que as baixas, por serem mais férteis, deveriam franquear-se ao uso comum.

## **A lei da Cooperativa**

Valdir lembrou que a equipe sugeriu que a pendência fosse levada para uma assembléia da Cooperativa. Se ela decidisse que as baixas deveriam continuar sendo de uso comum, os reдеiros deveriam submeter-se e entregar as baixas. Se ocorre-se o contrário, os camponeses desistiriam dos terrenos mais férteis esse contentariam com o resto.

- Vosmicês fizeram isso? Perguntou Joana admirada. Foi um risco danado. E se a assembléia ripostasse a favor dos reдеiros e o mutirão de mulheres perdesse?

- Foi um risco calculado. Nós conhecíamos as opiniões dos membros dos mutirões e sabíamos que tínhamos perto de quarenta a favor do direito do uso comum das baixas. Junto com eles procuramos saber como estava a opinião dos demais cooperados. Foi um trabalho de pesquisa e também de convencimento. Nós fomos para a assembléia sabendo quase na certeza a contagem que ia dar a favor dos mutirões. Convencemos os reдеiros a participarem da assembléia e se defenderem sem constrangimento. Eles supunham que o poder de seu domínio ia prevalecer e foram. Não se deram conta que a Cooperativa, com um pouco de recurso, mudara a relação de poder e dera força para os lavradores. A votação a favor do mutirão da Das Dores foi esmagadora.

- Aí tudo ficou mais fácil, né? Perguntou Juvêncio.

- Eu não acredito nisso, emendou Joana. Pelas histórias que eu ouvi deles, não seria uma votação que ia fazer aquele povo entregar tudo de mão beijada. Nem você dizendo que sim.

- Não, não ficou nada fácil continuou Valdir. O seu João da Venda saiu dizendo que a votação não servia para ele porque o nome da baixa – Baixa do João lhe garantia a posse. Então, ele ia replantar cana, e pronto. Pelo outro lado, a assembléia da Cooperativa acordou muita gente para o fato de que a liça não era só entre o mutirão das mulheres e o seu João. Nas conversas aparecia à idéia de que o que estava em disputa era o direito de uso comum das baixas e o domínio dos ex-rendeiros.

Por isso, agente não se contentou com o resultado da assembléia. A equipe e vários membros dos mutirões multiplicaram as reuniões com os cooperados para debater o que chamávamos de Lei Cooperativa uma Regulamentação sobre o Uso das Terras Patrimoniais, que existia desde 1967. O artigo primeiro mandava fornecer para os grupos comunitários 30 quadras de 50 braças ou 30 hectares, na Lagoinha, Baixa Verdejante, Córrego, Arraial de Cima, Baixa da Mafalda e Baixa do Alpes. Ora, a baixa do João da Venda era justamente a baixa da Mafalda. Os sócios posseiros tinham direito a nove quadras de 50 braças, ou nove hectares, para lavouras e roças, por contrato de três anos. Então, com essa lei nas mãos, nós fazíamos questão, mesmo contra a opinião de vários lavradores, de levar os ex-rendeiros a essas reuniões. Chegamos até mesmo a fazer encontros nas casas deles. Eu não acreditava que ia convencer algum, mas pensava que isso os comprometeria. Não teriam como dizer que as coisas haviam sido feitas sem que tivessem direito de se defender.

- Quer dizer que nenhum deles mudou de idéia? interessou-se Joana.

- Que eu me lembre, não. Teve, isso sim, gente posseira que devido a laços de família ou algum outro tipo de relação com eles, ficou do lado de seu João. Mas a grande maioria disse que seu João estava contra a lei da Cooperativa. A idéia de que ele usurpava o que não lhe pertencia tocou muita gente. Foi nesse ambiente que as mulheres resolveram que era chegado o momento de ir para o trabalho na baixa. Estavam com um bom respaldo moral. E esperava-se que o ex-rendeiro, depois de toda movimentação, aceitasse a decisão da maioria e da diretoria da cooperativa. Mas isto não aconteceu.

Seu João apareceu na baixa prometendo dar de pau nas mulheres se estas mexessem no terreno. Foi um charivari. A indignação tomou conta delas. Seu João não queria acordo. O bate-boca foi acalorado o dia todo, mas os outros mutirões ficaram só na expectativa, sem se intrometer diretamente, esperando uma decisão das mulheres. À noite, elas se reuniram: ou faziam a roça na baixa ou nada feito. Repetiam a todo momento que a lei da Cooperativa estava do lado delas e que tinham de fazer alguma coisa para cumpri-la. Alguém, que não me lembro mais quem foi, sugeriu como quem não está propondo nada, "Se o seu João está querendo brigar de pau, nada melhor do que ir de facão para cortar o pau". As mulheres não deram muita atenção e continuaram ainda um bom tempo discutindo o que fazer. Afinal, decidiram que a equipe e a diretoria teriam nova conversa com seu João e que o mutirão voltaria à baixa no dia seguinte para iniciar as leiras.

Joana levantou-se de repente.

- O feijão está cheirando. Já deve estar grudando no fundo do tacho. E voou para a cozinha.

- No melhor do forró ela lembra de sentir cheiro do feijão, comentou Juvêncio. Podia ter colocado mais água.

- Vosmicê vai ficar sem almoçar se continuar ranzinzando. A comida está pronta pra comer. Vamos se chegar. Cada um serve o seu que aqui não tem aleijado, ordenou a dona da casa.

Juvêncio não se convenceu.

- Não era melhor terminar esse tico da história? Falta muito pra completar esse pedaço da baixa e das mulheres?

- Não deve faltar não, manteve-se firme Joana, mas enquanto a gente come a conversa pode continuar, não é mesmo? Comida fria não faz bem pra ninguém.

Foi a ordem derradeira. Juvêncio avançou rápido para as panelas, enquanto Valdir chegava até a sentina, no lado de fora. Na volta, viu que Joana colocara água na bacia para lavar as mãos e deixara uma toalha limpa, pendurada ao lado. Agradeceu e dirigiu-se também para o fogão. O arroz era o comum da região, miúdo e com uma tendência inevitável a virar papa. O feijão, o fradinho, continuava sem engrossar o caldo, passasse o tempo que passasse no fogo. Abobrinha, inhame e uns pedaços de frango completavam a mistura.

- Como é que você teve tempo de fazer o banquete de frango, perguntou Valdir, intrigado porque não vira Joana permanecer tempo suficiente na cozinha para preparar tudo aquilo.

- Não fui eu não. Eu mesma só cuidei do feijão. O resto foi dona Maria do Belarmino quem fez e colocou aqui sem nem precisar ser notada Mas vamos sentar, comer e continuar ouvindo vosmicê, senão o Juvêncio morre de curiosidade.

- Vosmicê agora ta de marcação comigo, reclamou.

- Tô não. É só pra lhe lembrar que tudo tem seu tempo. Vamos adiante seu Zé.

Valdir já havia esquecido do Zé, mas não se fez de rogado.

- Onde mesmo a gente parou? Fez uma pequena pausa: Ah, sim, no acerto das mulheres para nova conversa com o seu João e para voltarem à baixa no dia seguinte. Alguns achavam que naquela noite não dava mais para conversar com o ex-rendeiro. A casa dele estava toda fechada e às escuras. Mas o Jorge, que era vizinho, disse que havia luz na parte de trás da casa. Batemos um bocado na porta antes que viessem atender. A conversa foi longa e difícil. Ele manteve-se recalcitrante e não cedeu uma unha sequer. No final, dissemos pra ele que as mulheres tinham resolvido fazer a roça na baixa de qualquer jeito e que assumisse a responsabilidade pelas conseqüências de sua atitude. Ele deu de ombros. Nós continuamos acordados ainda um pedaço pensando em alternativas, sem chegar a conclusão alguma. Tudo ia depender das mulheres.

- Enfiaram a viola no saco, sentenciou Juvêncio. Mulher só tem papo, mas na hora do vamos ver não acontece nada.

Valdir fez uma pausa para mastigar alguma coisa. Joana é que não se conteve.

- É nesses momentos que a gente fica conhecendo as pessoas. Na primeira reunião da comunidade eu quero ver vosmicê ter coragem para falar essas besteiras das mulheres.

O sangue subiu no rosto do rapaz e ele quase engasgou com a colher de comida que levara à boca. Ainda conseguiu balbuciar.

Não tem precisão. Era só pra deixar o seu Zé comer antes que a mistura esfriasse.

- Ainda bem, concordou Joana fazendo o jogo dele.

- Ainda bem mesmo, seguiu Valdir porque as coisas saíram de um jeito que ninguém esperava. No dia seguinte, as mulheres se juntaram na escada da Cooperativa bem cedo e desceram em fila pelo descampado da praça da Igreja. Todas estavam de chapelão de palha amarrado na cabeça, cabaça de água a tiracolo, enxada no ombro e... facão na cintura, bem à mostra. Pode até ser que elas não tivessem feito de propósito, mas foi como se um raio houvesse caído sobre a vila. Formaram-se grupinhos por todo lado e cochichos e disse-me-disse por todo canto, não sei se pelos facões ou pelo fato mesmo delas se dirigirem para a baixa. Seu João, em sua venda, normalmente sorridente ria amarelo. As mulheres tomaram a baixa.

- Tomaram a baixa? Como tomaram a baixa, meu Deus exclamou Joana.

- Devem de ter chegado, aberto a tranqueira e começado a roça. Mas só se não tinha capanga nenhum por lá, acrescentou Juvêncio.

- É isso mesmo. Não tinha ninguém pra defender a baixa do seu João. Ele ameaçou, ameaçou, mas na hora do vamos ver deve ter ficado

com medo do que poderia acontecer. Aliás, ninguém se mexeu. Todo mundo resolveu esperar pra ver. As mulheres almoçaram na roça e à tarde voltaram, do mesmo jeito que tinham ido. Estavam sujas, terrosas. Mas os lábios contraídos da manhã tinham sido substituídos por um sorriso largo. Atenas desdentadas o sorriso da vitória parecia bonito. A primeira batalha havia sido ganha. Mesmo porque tinha sido uma batalha que não aconteceu.

- Deus do céu, mas desde que eu estou aqui ninguém nunca falou disso. Joana permanecia incrédula.

- Mas o meu pai sempre disse que as mulheres haviam trabalhado na baixa do João, advertiu Juvêncio. Quando os mutirões acabaram é que o Jorge se apossou da baixa.

- Bem, eu não sei por que não se conta esse acontecido, ou por que ele foi esquecido. Mas eu não estou vendendo o peixe conforme me contaram. Eu vi o peixe ser pescado e eu não sou pescador pra aumentar o caso, reinterou Valdir. O fato é que esse acontecimento deu uma tranqüilidade para atividade dos mutirões. Os ex-rendeiros engoliram a derrota e ficaram quietos. E os mutirões tinham que cuidar da preparação dos terrenos, do plantio e do cuidado com a lavoura. O resto dos associados também. Os empréstimos individuais para a produção, mesmo reduzidos, possibilitavam um nível mínimo de subsistência por algum tempo e quase todos os associados puderam fazer pequenos roçados de milho e feijão e roças de mandioca. Todo mundo tinha esperança de que haveria uma pequena sobra após pagar o empréstimo da Cooperativa.

- Cinqüenta mirreis dava pra alguma coisa? Perguntou Juvêncio.

- Acho que não dava pra muita coisa não, mas era o que se podia emprestar. De qualquer maneira, esse empréstimo de quase nada deve ter sido muito importante para muitos lavradores. Lembro de um casal de velhos que choraram ao saber que poderiam retirar o empréstimo. Disseram que fazia tempo que não tinham com que comprar café e preparar uma pequena roça. De outro lado, o empréstimo era uma espécie de reserva contra a cobiça dos ex-rendeiros. Para conseguir quem trabalhasse para eles em suas plantações tinham que oferecer diárias maiores. O pessoal tinha como regatear e não precisava aceitar qualquer mixaria par ter o de comer no dia seguinte ou no mesmo dia.

Joana não se conteve:

- Eu jamais havia imaginado uma coisa dessas. Como é que uma coisa que parece mixaria pode bulir com o preço das diárias?

- A gente também só se deu conta disso depois. Eu nem sei se os camponeses chegaram a ter consciência dessa relação, mas o fato é que a praticavam espontaneamente. Os empréstimos aos mutirões eram maiores - 500 a 800 cruzeiros. Se vocês fizerem a conta, talvez desse uma quantia menor por cabeça. Mas o trabalho nos mutirões rendia mais e ainda permitia que cada um pudesse trabalhar em sua plantação individual. Os membros dos mutirões, se me lembro bem, não precisaram trabalhar na diária para os ex-rendeiros. É verdade que ganharam um dinheiro extra nas empreitas de broca para os mutirões das mulheres, mas foi só. No final até os ex-rendeiros que tinham comércio em São Loganso começaram a gostar do que estava acontecendo. Estavam vendendo muito mais do que nos anos anteriores.

- Quem chia é jibóia com fome, interrompeu Juvêncio.

Valdir riu.

- É por aí. Mas os mutirões também serviram para mexer com a vida da comunidade. Nas horas de descanso para almoço, cada grupo aproveitava o tempo para debater seus problemas. Os camponeses que estavam de fora iam ver como eles trabalhavam, como faziam as curvas de nível e, muitas vezes, participavam das conversas da hora do almoço. Nas comunidades, cada elemento do mutirão era um propagador dos debates e idéias surgidos nos grupos.

É lógico que nem tudo eram flores. Surgiam problemas de todo tipo dentro e fora dos grupos, muitos deles insuflados pelos ex-rendeiros e seus partidários. Tudo parecia sossegado quando eles voltaram a sacudir o espantelho do comunismo, espalhando que os grupos mutirões eram grupos comunistas, para acabar com as famílias e com a Igreja. A coisa foi tão séria que alguns membros de mutirão chegaram a acreditar nisso e se afastaram. Embora a maioria não tivesse se deixado influenciar, foi preciso um esforço danado para desfazer a boataria.

- Eu não entendo como uma coisa dessas pega como praga, comentou Joana. As pessoas estavam tendo melhoria, estavam participando do trabalho, estavam tendo oportunidade de discutir, e mesmo assim acreditavam numa falsidade que não tinha nada a ver com o que elas estavam vivendo. Como é que pode?

- É, como é que pode? Acrescentou Juvêncio.

- Pode ter muitas explicações. Este talvez seja o risco que a gente corre quando faz uma mudança de cima para baixo, por mais justa e

benéfica que ela seja. Os mutirões não eram uma conquista da luta dos camponeses de São Loganso, embora eles tenham participado de sua organização. Eles só se tornaram realidade devido a uma dívida financeira que veio da Oropa, como dizia o pessoal daqui, sem saber direito onde ficava essa terra das abelhas. Os lavradores não haviam se conscientizado sobre o que estava acontecendo. Sua união não era fruto da luta para livrar-se dos ex-rendeiros. Mesmo as mulheres que tomaram a baixa só devem ter feito isso porque contavam com o respaldo financeiro do empréstimo, o que não diminui o feito delas. Assim, quando os mutirões começaram a discutir tudo abertamente, inclusive assuntos que pareciam tabus, como a reorganização do sindicato dos trabalhadores rurais, e alguns mais arrojados chegaram mesmo a fazer críticas ao governo, os ex-rendeiros devem ter achado que era um bom momento para retomar o medo do comunismo e, através disso, sabotar o trabalho.

Joana parecia não concordar inteiramente com a explicação. Em seu semblante transparecia o ar da dúvida.

- Seja essa ou não a melhor explicação, continuou Valdir, o fato é que esse contratempo exigiu muito trabalho. No final, a gente pode até dizer que foi bom, porque serviu para discutir com os associados os direitos de lei deles. Sindicato, por exemplo, tido como coisa de comunismo, era um direito de lei, da lei do governo, e muita gente não sabia disso. O direito de criticar o governo e ser contra seus atos também era um direito de lei, mas muito pouca gente usava. Nós nos esforçávamos sobretudo para mostrar que esses direitos, apesar de serem de lei, na prática não eram aplicados e na maioria das vezes precisavam ser

conquistados. Discutíamos que o direito de organização para a ajuda mútua, como os mutirões e a cooperativa, ou para a defesa dos próprios direitos, como o sindicato, estavam na lei mas dependiam das próprias pessoas para se tornarem reais. Mesmo porque sempre havia algumas pessoas que eram contra porque iam perder seu domínio sobre os outros e inventavam o comunismo para impedir que a lei fosse cumprida.

- O pior é que até hoje essas coisas não mudaram muito, atalhou Joana. O nível de consciência ainda continua nesse mesmo pé.

- O processo educativo é muito complicado. Eu sentia que nós tínhamos que fazer aquilo para desmentir a ação dos ex-rendeiros, sem o que o trabalho dos mutirões e da própria Cooperativa poderia se perder. Mas sentia também que aquilo tudo só levemente dizia respeito à vida deles, ao tipo de luta que eles levavam. O grande mestre da consciência é a luta, a experiência de luta, e a luta dos camponeses de São Loganso não tinha nem chegado a se voltar contra os antigos rendeiros quando a experiência da Cooperativa começou. Um poder externo, maior, benfazejo é verdade, impôs a eles um processo para o qual ainda não haviam amadurecido. Assim, eles só acordavam para alguns problemas à medida que estes podiam atrapalhar sua possibilidade de uma sobrevivência melhor. Qualquer politização dessa prática tinha dificuldade em encontrar uma base sólida para tornar-se consciência. Até o sindicato era uma passada muito grande para eles. Mesmo assim, como resultado de todo o debate desse período, voltou à baila a idéia de organizar o sindicato separado da Cooperativa, embora a maioria achasse que eram a mesma coisa. Mas...

- Vosmicê quer dizer que não se devia fazer nada até a gente acordar pelo sofrimento da vida cativa? Inquiriu Juvêncio, repentinamente.

- Talvez tivesse sido melhor, respondeu Joana. É bem provável que hoje a gente não estaria aqui com todas as quizilas que existem.

Valdir ficou mudo por uns momentos, olhando ora para um, ora para o outro.

- Como saber o que teria sido melhor? O que está feito, está feito e a vida é desse jeito mesmo. Eu não sei exatamente como estão as coisas agora, mas não dá pra comparar uma coisa que aconteceu com outra que não aconteceu. A gente sempre se culpa muito por fazer coisas de cima para baixo, mesmo com boas intenções, mas se esquece que as coisas que o povo fez sozinho na história também causaram muito sofrimento e, em geral, foram derrotadas. E afinal, tudo que os fortes e dominadores fazem é de cima para baixo com a diferença que é sempre com más intenções, até mesmo quando trazem algum benefício aos fracos. Então, não adianta muito a gente estar se culpando ou achando que não se deveria ter feito nada até o povo daqui acordar. O que eu queria dizer é que é preciso procurar os porquês das dificuldades dos associados entenderem o que estava se passando, inclusive para saber se isso tem influência no que está acontecendo agora.

- Tá, isso vai ser conversa pra gente ter depois da sua pesquisa, ponderou Joana, sem parecer muito convencida da explicação. Mas eu sei que a sua história da Cooperativa não acaba aí. Até hoje agente está enrolada com o caso do gado, e ele é da sua época, não é verdade?

- É. A gente tinha bem claro que a atividade produtiva era o mais importante pra não haver novo retrocesso. Os mutirões e as roças e roçados individuais davam um alento, mas a gente não tinha ilusão de que iam garantir renda extra para os trabalhos da safra seguinte. Não tínhamos nem certeza, como já disse, que conseguiríamos ter o pagamento dos empréstimos. Diante disso, em conversas e reuniões com o pessoal da diretoria e os lavradores mais ativos, decidiu-se apressar a preparação de outros microprojetos e, ao mesmo tempo, tentar um financiamento no Banco do Brasil para a comercialização da safra. Essa tentativa de trabalhar com o Banco do Brasil foi uma trabalhadeira danada. Eles não fazem distinção alguma entre uma cooperativa de lavradores pobres e uma de fazendeiros. Fizeram tantas exigências, papel disso, papel daquilo, pra no final de dois meses de idas e vindas dizerem que a Cooperativa de São Loganso não tinha competência para ter crédito bancário. Em outras palavras, só cooperativa rica, com dinheiro, podia arrancar empréstimo do banco. Além disso, o Banco do Brasil só estava financiando o plantio de algodão e engorda de gado. Não podia emprestar dinheiro pra mandioca, modubim, hortaliças ou produção de leite.

- É a história de emprestar pra quem tem e não pra quem não tem acrescentou Juvêncio.

- É isso mesmo. Desse jeito, a cooperativa ficou sem muitas condições pra comprar a produção de farinha, milho e feijão a preços melhores na safra pra vender depois. Não era muita coisa, mas foi a maior safra dos últimos anos. Uns dois mil alqueires de milho, quatrocentos de feijão e três mil de farinha, fora os legumes, hortaliças e criação miúda. O

jeito que o pessoal teve foi vender a produção em Iperá, a preço rebaixado. Vender na safra dá nisso: quanto mais se produz, menos preço se tem. Mas pelo menos pudemos dizer que ninguém precisou vender a produção na folha. Nesse meio tempo soubemos que os microprojetos do gado leiteiro e hortifrutigranjeiro haviam sido aprovados. A implantação das hortas não teria muitos problemas. O mutirão do Matias já vinha trabalhando com isso e estava dando resultados.

- Então, porque o grupo se desmanchou? Perguntaram os dois quase ao mesmo tempo.

- Vocês conhecem o Matias. Primeiro, foi ele quem organizou o mutirão das hortas com pessoal que tinha vindo do sertão fugido da seca. Depois, ele fez de jeito que as hortas se concentrassem todas nos terrenos onde ele morava. A gente bem que alertou o grupo pra que fizesse um regimento que assegurasse o direito de todos, mas acho que isso não foi feito direito. O pior é que a gente não tinha muitos argumentos contra o lugar, porque ele era mesmo ideal para hortaliças, tanto pela terra quanto pelas aguadas. De outro lado, o Matias era o mais trabalhador de todos e o que mais entendia do riscado. Ele tinha recebido treinamento para o uso de técnicas de plantio, alimentação de gado, criação de animais domésticos e administração de fazenda no Centro de Treinamento da Ancar e aproveitou bem o que aprendeu. Sempre que podia, comprava manuais de instrução sobre plantio de hortaliças e outras práticas agrícolas, e estudava pra valer. Quando eu fui embora, ele já estava com um grupo bem menor, mas tinha comprado o trabalho dos que se foram.

As coisas avançavam de um modo que a gente podia ter argumentos morais, mas não econômicos ou legais contra o que estava fazendo.

- Como assim? Perguntou Juvêncio. Se ele estava acabando com o mutirão e ficando dono sozinho do projeto, isso não ia contra a lei da Cooperativa?

- Em parte ia, em parte não. Primeiro, ele não forçava ninguém a sair do mutirão dele. Eles simplesmente estavam tendo uma renda maior do que todo mundo e o Matias maior do que a dos outros. Ele então começou a oferecer dinheiro para os outros venderem a parte deles e poderem voltar para o sertão. A seca havia terminado e com algum dinheiro na mão, eles poderiam retomar suas lavouras sertanejas. Era uma oferta difícil de recusar. O pessoal foi então saindo por livre e espontânea vontade, com dinheiro no bolso, e o Matias foi ficando dono do projeto sem que a gente pudesse fazer muita coisa pra impedir isso.

- Isso também parece que aconteceu nos outros grupos e com outros associados, lembrou Joana. Alguns mais espertos foram comprando os serviços de outros e hoje são os posseiros ricos do lugar.

- Na época que eu estive aqui, só o Matias avançava nesse caminho. Mas já era visível que alguns lavradores, como o Jorge, o Adriano e o Natanael, estavam tendo melhores resultados que os outros. Bom, mas esse não é caso pra tratar agora. O fato é que o projeto das hortas foi tocado com facilidade, aumentando o trabalho do mutirão do Matias, que já existia. Mas tocar o projeto do gado leiteiro não era tão simples: onde ter os pastos e os currais? Como aproveitar algum pasto nativo para adquirir logo as vacas e iniciar a produção e, ainda, preparar pastagens

artificiais? Qual dos mutirões se encarregaria da produção? Quais as relações a estabelecer para o caso? O gado seria propriedade do mutirão ou da cooperativa? Essas dúvidas estavam na cabeça de todo mundo e passaram a ser discutidas nos mutirões e em reuniões da cooperativa.

- Mas as mulheres foram logo escolhidas pra tocar o gado, atalhou Juvêncio.

- Todos estavam de acordo com isso. A sugestão do projeto leiteiro tinha sido delas. Elas também haviam demonstrado capacidade de organização e trabalho no mutirão da baixa do João, conseguindo uma boa safra. Mesmo alguns que gostariam de tocar o projeto ficaram sem jeito para argumentar contra o direito do mutirão das mulheres ficar responsável pelo gado. Também ficou acertado que os homens dos demais mutirões empreitariam os serviços pesados, como o corte das estacas e moirões e a construção da cerca e do curral. E como nenhuma das mulheres tinha experiência de ordenha, admitiu-se temporariamente no grupo um rapaz que sabia tirar leite. A coisa empacou na hora de resolver a questão do pasto. Aí voltou o problema do domínio dos ex-rendeiros. O melhor local, mais perto da vila, com alguma pastagem natural e bebedouro, era a baixa do Alpes. Os Alpes eram uma das famílias mais antigas do lugar e alguns de seus membros tinham fama de valentes e truculentos. Arrotavam arrogância e prepotência. O patriarca, mais político, não alterava a voz, mas era perseverante no que pretendia. A decisão de tomarem a baixa onde pastavam seus animais não lhes agradaria e era de se esperar resistências maiores do que as enfrentadas no caso da baixa do João.

- Era encrenca e estrupício na certa, comentou Joana.

- Era. Mas mesmo assim, a decisão foi implantar o projeto de gado na baixa do Alpes. E pra ser franco, foi mais uma decisão na base da emoção. As mulheres, depois do caso da baixa do João, começaram a sentir-se com forças para qualquer coisa. É verdade que não havia outras opções tão boas, mas mesmo que houvessem, acho que elas queriam demonstrar que eram capazes de vencer esse novo desafio. Então ficou difícil discutir outras alternativas. Decisão tomada, mãos à obra. O corte das estacas e das madeiras foi empreitado e, à medida que avançava a boataria também crescia. Os Alpes repetiam que ninguém tomaria a baixa e que, se tentassem, haveria tiro. O Zé Alpes, sestroso como ninguém, começou a andar armado e a fazer provocações aos membros dos mutirões.

- Dá pra sentir o cheiro do tição queimado, brincou Juvêncio.

- Vosmicê não brinque com coisa séria arreliou Joana.

- Tô brincando não, retornou Juvêncio. O caso deve de ter sido tão sério que nem meu pai comenta muito o que aconteceu. Quando a gente pergunta como começou o negócio do gado aqui, ele desconversa e diz que não se lembra.

- Também não foi tão sério assim. Entre mortos e feridos, todos estão vivos. É verdade que a tensão foi grande. Teve muita gente que vacilou e se encolheu em casa, numa expectativa nervosa. Até gente que era ativa e decidida ficou receosa. Mas as mulheres permaneciam firmes. Elas diziam que pela primeira vez na vida poderiam dar leite aos filhos. Ninguém ia mais se apertar por meio litro de leite. Então, estavam

dispostas a enfrentar mais esse confronto. A gente sabia, porém, que não bastava a vontade pra vencer a resistência dos Alpes. Eles tinham que sentir que a maioria da cooperativa estava do lado das mulheres e da lei da cooperativa. Deveriam sentir também que ameaças e bravatas não amedrontavam ninguém. Por isso, ao mesmo tempo que procurávamos esclarecer todo mundo sobre o projeto do gado leiteiro, resolvemos realizar também um trabalho de esclarecimento particular com os Alpes.

- Quer dizer que vocês foram na toca da própria onça, brincou desta vez Joana.

- Mais ou menos isso. A gente começou a conversar com cada um dos membros da família e demos atenção particular ao patriarca, ao velho Raimundo. Sabíamos que se ele concordasse, o resto da família deveria baixar as armas. Todos os argumentos possíveis foram usados: alei da cooperativa, a vantagem do leite para todos, os benefícios que o aumento da renda poderia trazer para o comércio dele. Ele havia perdido a renda da terra, mas poderia compensar isso com o aumento da renda do comércio se o poder de compra dos lavradores aumentasse. Nós dizíamos tudo isso convencidos de que estávamos realmente oferecendo um acordo razoável. Mas como a gente não tinha certeza de que as coisas se resolveriam por aí, também nos esforçávamos para ter o apoio da maioria dos cooperados, como no caso da baixa do João. Acho que as nossas conversas com os Alpes tiveram influência em melhorar a disposição dos demais associados a favor das mulheres. O velho acabou concordando, a maioria da família aceitou a decisão dele, os demais ex-rendeiros acharam melhor ficar quietados e a situação parecia resolvida, não fossem alguns

dos Alpes brigarem com o patriarca, acirrarem a resistência e continuarem prometendo sangue.

Joana levantou-se bruscamente.

- Como é que a gente nunca soube nada disso? Mas deixa pra lá... depois a gente vê se descobre. Agora vamos fazer uma pausa e tomar um café, que o bico do seu Zé Alves deve estar seco.

- De novo, irmã Joana, vosmicê resolve interromper no melhor da festa, reclamou Juvêncio.

- Que festa que nada! Vosmicê adora encrenca e fica todo animado com essas armações. Inté parece urubu esperando carniça, admoestou Joana.

- Ela ta sempre de marcação comigo, amansou Juvêncio dirigindo-se a Valdir.

Foram todos para a cozinha. Como tinha sempre brasa acesa e água na quentura, o café veio rápido e forte. O diabo era aquela mania de adoçar além da conta, fazendo a bebida parecer garapa. Se estivesse mais fria, seria intragável. Enquanto bebiam, conversavam assuntos diversos, principalmente notícias sobre o Sul, sempre um foco de curiosidade. Mas a conversa precisava ser retomada e retornaram à sala.

- Estava tudo pronto para a construção da cerca, continuou Valdir, mas andava todo mundo preocupado com a reação dos Alpes mais radicais. Um choque com eles não ia ser bom para a experiência: os lavradores não estavam preparados para uma ação desse tipo e havia gente em Iperá torcendo para o circo pegar fogo e entrar com a polícia pra parar com tudo. A gente que evitar isso, mas não sabia se eles estavam só

de papo, como o seu João. Por outro lado, também não se podia mais recuar de fazer a cerca e tocar o projeto, ainda mais diante de um grupinho pequeno como eram os Alpes. Dois dias antes do início da demarcação e construção da cerca reunimos com todos os mutirões para discutir o caso. Tinha proposta de tudo que era tipo, embora a gente desconfiasse que algumas sugestões de confronto fossem encomendadas.

- Pro mal que lhe pergunte, encomendadas por quem? Quis saber Juvêncio.

- Tinham alguns que eram amigos do seu João. Talvez eles quisessem que o pessoal desistisse e voltasse atrás se o caminho parecesse muito difícil. Mas no final, foi decidido que se deveria aumentar a pressão sobre os Alpes e, ao mesmo tempo, realizar uma demonstração de força.

- Como é que é isso? Interrompeu Juvêncio outra vez.

- Não carece se apressar. Era simples: diversos grupos se revezavam conversando com os mais brabos, tentando convencê-los que o melhor era deixar as coisas serem feitas como havia sido acertado com o seu Raimundo. Enquanto isso, outros espalhavam o boato de que membros da equipe e alguns grupos estavam armados. Houve mesmo alguns que andaram armados de verdade, por uns momentos para que o boato pegasse pra valer, embora fosse uma lorota. Se o lado de lá resolvesse entesar, acho que nós íamos ter que recuar e isso ia ser muito ruim para a continuidade do trabalho. Mas eu acho que o santo estava mesmo do lado das mulheres e a coisa deu certo. O ânimo belicoso dos renitentes foi decaindo e, apesar da cara feia, a cerca teve início sem incidentes. A maior

parte dos grupos se deslocou para assistir à demarcação - e o que pudesse ocorrer - e a vila toda ficou de orelha em pé. Mas o balão que ia explodir nem chegou a ser enchido. Ninguém estrebuchou.

- E se os Alpes tivessem resistido mesmo, o que teria acontecido?  
Inquiriu Joana.

- É difícil dizer. Na vida as coisas às vezes acontecem desse modo. A gente é obrigado a ir para briga sem ter certeza da vitória. Às vezes a gente até sabe que vai perder, mas entra na liça porque precisa manter a dignidade e a honra. De qualquer modo, parece que eles também estavam com o gogó maior do que a vontade. Mas a gente só soube disso na hora. Com a cerca no pasto dos Alpes e o início da criação do gado leiteiro, deu-se o golpe mais sério no domínio dos ex-rendeiros.

## **Pensando no futuro**

- Daí em diante, continuou Valdir, as coisas poderiam até entrar por outras trilhas, diferentes das que a gente tinha aberto, mas seria muito difícil que voltassem ao que eram antes da Cooperativa. Foi por isso que a equipe resolveu fazer uma avaliação mais serena do que havia acontecido e estava acontecendo e ver se descobria o que fazer pra frente.

- Se estava tudo bem, por que vocês acharam que era chegado o momento de fazer uma avaliação? Perguntou Juvêncio. Não havia o perigo de rebolar tudo longe?

- Bem, mesmo que estivesse tudo bem, sempre é bom avaliar o trabalho. Quando a gente está muito envolvido, nem sempre enxerga as coisas por todos os lados e pode haver algum ponto fraco. Mas no nosso caso nós sabíamos que nem tudo estava bem. Havia descontentamentos porque as pessoas viam que o pessoal dos mutirões estava melhor de vida. E os mutirões queriam mais ainda. Nós também não sabíamos onde conseguir mais dinheiro para manter a cooperativa financiando os lavradores, principalmente aqueles que não tinham podido poupar nada ainda. Não sabíamos até que ponto era possível continuar conseguindo dinheiro no exterior e sabíamos que empréstimo bancário era quase impensável. O trabalho burocrático da cooperativa também era um peso enorme para um rendimento relativamente pequeno. As exigências burocráticas das autoridades eram de um tamanho que a gente se convenceu que cooperativa legalizada e bonitinha só pra lavrador abastado. Ou para um movimento muito forte Havia ainda a questão da

utilização das terras pelos associados: vimos que era indispensável refazer a divisão das terras por lotes familiares e por glebas de uso dos mutirões, mas não tínhamos tido tempo de discutir isso com os lavradores e tomar uma decisão em assembléia. Então, já começava a haver briga de um querendo entrar no lote do outro e até alguns vendendo seus serviços para quem tinha dinheiro. Os filhos queriam trabalhar nas terras e não havia tanto terreno para todos.

- Então essa quizila já existia desde aquela época?

- Estava no começo, mas já dava para ver bem que era um problema. A gente já tinha começado a tratar com a diretoria a regulamentação dessas coisas. Já tinham sido aprovadas as normas para o financiamento das safras e seu controle, indicando as parcelas em dinheiro e em gêneros, o prazo de vencimento e o depósito da produção na Revenda. A Revenda também tinha normas de controle das compras e dos estoques. Já estava pronta uma nova proposta de regulamentação do uso das terras, que não era muito diferente da de 1967, mas definia o uso das áreas de trabalho comunitário. Mucujê, Baixa Verdejante, Córrego, Baixa da Mafalda e Arraial de Cima seriam aproveitados para lavouras comunitárias e campos experimentais. O Arraial, ou baixa dos Alpes, seria utilizado para criação de gado. Cada associado passava a ter direito a 10 quadras de 50 braças – 10 hectares - para usufruto, de modo a atender ao aumento da família. A derrubada da madeira, babaçu e carnaúba era permitida, mas só com compromisso de replantio acertado com a comissão de terras.

- Só que ninguém nunca conseguiu controlar isso, observou Juvêncio.

- Porque não basta criar regulamento. As pessoas precisam estar convencidas e, mesmo assim, a necessidade às vezes é mais forte. De qualquer modo, era preciso ter as normas e discutir com todos. Nós também começamos a preparar uma regulamentação de uso dos bens duráveis da Cooperativa, como pastos, cercas, currais, instalações, casa de farinha, animais, fruteiras, culturas perenes, imóveis e obras de irrigação. Já havia uma confusão danada entre o que era da Cooperativa e o que era dos posseiros.

- Depois piorou, acrescentou Joana.

- Foi nesse momento que eu tive que ir embora. Antes de sair da diocese, eu ainda fiz um relatório para o Dom propondo algumas coisas que havíamos discutido na equipe, mas não decidido. Sugeríamos que seria melhor substituir a Cooperativa por algum outro tipo de cooperação e ajuda mútua, mais simples, sem atrapalhões burocráticos. Achávamos que do jeito que estava o Brasil, qualquer cooperativa de camponeses pobres ou remediados acabaria engolida pelos mais fortes, vendo-se a braços com inúmeros problemas de crédito, impostos, financeiros e outros. Se não tivesse um apoio em dinheiro e técnico muito forte, acabaria falindo ou sendo dominada por grupos econômicos.

- Mas se o governo ajudasse os lavradores, era bem capaz de a cooperativa dar certo, acrescentou Juvêncio.

- Era bem capaz, mas nem naquela época, nem agora, o governo ajudava os lavradores de poucos recursos, por isso sugeríamos, ainda, que

as terras fossem divididas em lotes e cedidas em uso fruto aos cooperados. Não seria doação, nem os lotes passariam à propriedade dos camponeses. Eles assinariam um contrato de usufruto, com cláusulas que garantissem a boa utilização do solo por um prazo de 5 a 10 anos. A boa utilização permitiria a renovação futura do contrato. Nós tínhamos a ilusão de que um bom uso da terra evitaria que ela fosse vendida a ex-rendeiros ou a grupos econômicos de fora.

- Quer dizer que vocês sugeriram essa divisão há dez anos? Quis saber Joana.

- Também sugerimos que nessa divisão das terras para usufruto, deveriam ser garantidos lotes maiores para utilização de projetos mutirões, em caráter permanente ou temporário. O crescimento e o exemplo dos mutirões poderia, com o tempo, demonstrar a superioridade do trabalho em cooperação e, aos poucos, se estender a todas as terras. Aí, então, seria o caso de pensar na organização de uma cooperativa nos moldes existentes. A equipe já havia elaborado alguns esboços referentes aos itens dessa divisão e aproveitamento do solo.

- Mas como isso funcionaria, sem ter alguma para coisa para coordenar os trabalhos? Se com a Cooperativa cada um queria só cuidar de si, sem ela ia ser tiro com espingarda para matar veado na curva, interrompeu Juvêncio.

- O que tem a ver a espingarda com a cooperativa? Perguntou Joana.

- É que muita gente pensa que espingarda para matar veado na curva tem que ter cano curvo. E espingarda de cano curvo não tem

pontaria e arrebenta é na cara de quem atira. Eu comparo com a falta de Cooperativa porque ia ser igualmente: não ia ter ninguém pra dizer o que era bobagem e o que não era, e tudo ia ficar ainda pior do que estava.

- A gente também achava que deveria ter um órgão de coordenação no lugar da direção da Cooperativa, para atender os problemas da comunidade. Talvez um conselho comunitário, com representantes dos sítios e grupos, incluindo os membros da equipe diocesana. O conselho poderia se encarregar do controle da contabilidade, mas deveria evitar as cargas burocráticas. Isso porque iam continuar os problemas relativos ao financiamento da produção e comercialização e alguém teria que intermediar isso.

- Mas pra mode de que isso precisava ser feito por um conselho, perguntou Joana. Por que cada um não cuidava do seu financiamento e das vendas do que produzisse?

- Porque continuava a existir um bocado de gente sugando os recursos dos camponeses: os atacadistas pagavam preços baixos na safra e o comércio revendia a preço alto na entre safra; a farmácia botava cento por cento nos preços dos remédios que já chegavam altos; havia os impostos; havia esses artigos bonitos que enchem os olhos de qualquer um e convidam a gente a gastar. A maioria começava o plantio devendo. Quando era com a Cooperativa, a garfada não era grande. Mas quando era para o comerciante, era certo que ia terminar a safra devendo ainda mais.

- Lá isso é verdade, acrescentou Juvêncio.

- Desse jeito, para manter a experiência de São Loganso sem a Cooperativa seria preciso continuar tratando de obter recursos, onde

houvesse, e a juros baixos, para financiar os mutirões e os lavradores individualmente. E, ao mesmo tempo, realizar um trabalho educativo para o pessoal aprender a poupar e alcançar o autofinanciamento.

- Pra isso era preciso tempo, em geral bastante tempo, mesmo no caso dos camponeses não serem obrigados a pagar qualquer tipo de renda ou juros. O conselho comunitário poderia trabalhar nesse sentido, aproveitar a experiência dos microprojetos, que deu bons resultados e poderia ainda dar.

- Mas já na sua época tinha alguns dos mutirões que enricavam, enquanto outros continuavam pobres, atalhou Joana.

- O Matias, o Jorge, o Osvaldo se fizeram, complementou Juvêncio.

- Não duvido, respondeu Valdir. Não sei se haveria outro caminho. Vocês precisam ter em conta que a experiência comunitária tinha um limite no mar de latifúndio e capitalismo que existia – e ainda existe. Toda a estrutura econômica, social e política do país caminhava em sentido contrário à experiência de São Loganso. Este era o limite da experiência e o que mais a ameaçava.

- Quer dizer que não tinha saída? Perguntou Juvêncio.

- Eu não enxergava muitas saídas, respondeu Valdir. Uma, a mais difícil, era termos mais experiências parecidas, espalhadas pelo estado e pelo país, que ajudassem umas às outras. Isso podia ser um contrapeso às pressões tanto dos latifundiários, quanto da nova agricultura comercial que botava mel de mamangava no bico dos lavradores: doce no começo mas amarga depois. Aí o trabalho comunitário podia agüentar melhor o tranco

da jagunçada e ser mais rendoso para o grupo do que o trabalho só. Outra saída era ajudar os lavradores a sair da carência total em que viviam e deixar que alguns melhorassem mais rápido do que os outros. Isso foi o que começou a acontecer aqui, na falta de condições de dar mais apoio para o trabalho mutirão.

- Quer dizer que vosmicê acha que um trabalho de conscientização mais vagaroso não ajudaria melhor o povo a encontrar sua solução? Inquiriu Joana.

- Pelo que eu conheço, não. Esse trabalho de conscientização só pode ter resultados se fizer parte de um movimento maior, o que não acontecia. Os posseiros de São Loganso até podiam ter consciência dos perigos que os ameaçavam, mas sem recursos para resolver os problemas da produção e, portanto, da sua subsistência, chegaria o momento em que não teriam saída para as dificuldades e esmoreceriam.

- Mas há avaliações de que o trabalho com interferência de grupos diferentes e externos à comunidade provocou uma grande desordem mental na população daqui, ponderou Joana. Parece que alguns dos grupos se preocuparam em educar no sentido de formar uma nova mentalidade lentamente, a fim de chegar a agir conscientemente. Outros se preocuparam em levar a agir, pouco se importando com a conscientização. Por isso, tem gente do povo daqui que acha que a Cooperativa o tirou do cativeiro, há outros que acham que a terra doada trouxe muitas melhoras, mas só para os que entendem. Os que não entendem ficaram sempre atrás das equipes, procurando ajuda. Quem não foi atrás das equipes arrumou-se sozinho e está melhor.

Valdir prestava atenção, mas seu pensamento se perdeu por instantes no passado. Tentou lembrar quem se arrumou sozinho sem ter ido atrás das equipes. Matias? Jorge? Adriano? Osvaldo? Quem?

- Talvez a gente tenha que estudar a realidade, respondeu. Eu não conheço ninguém que tenha melhorado de vida, pelo menos dos que vocês citaram, que não tenha estado junto com as equipes. Mas deve haver muitos que andaram atrás das equipes e não melhoram, ou pelo menos não melhoraram no ritmo dos outros. E tem muita gente que não se chegou às equipes e melhorou pouco ou nada. O desafio do meu trabalho aqui vai ser descobrir um pouco disso, diferenciando o que é interpretação e realidade, e o que mudou na realidade. Aí a gente até pode discutir melhor essas idéias sobre conscientização e ação.

- Acho que vai ser muito bom para quilarear as coisas, concordou Joana.

- Mas pra começar, carece que vosmicê, que tem z'olhos e ouvidos pra tudo, me acrescente o que eu não sei de 1972 pra cá, pra mode de que eu tenha as informações de melhor desfrute e possa perguntar pro povo o que deve ser perguntado. Valdir brincava, procurando expressar-se no jeito do local.

- Vosmicê ainda não esqueceu de tudo daqui, não é mesmo? Comentou Joana. Juvêncio ria.

- Eu quero é ver vosmicê entendendo aquele povo que fala mais depressa do que galheiro na corrida.

- Ai você e sua espingarda de cano curvo vão estar comigo para resolver os causos, respondeu Valdir.

Joana se aprumou.

- O que eu sei do restante dos anos 70 é de ouvir contar e de ler os documentos da Cooperativa. Depois que você foi embora, a equipe ficou com dois. Mais tarde, a Marlene também se foi e só restou o Mário da Tereza. Mas em 1972 entrou bastante dinheiro de doações para os microprojetos, uns 137 mil cruzeiros. Então, foi possível continuar com os financiamentos. Mas os grupos mutirão começaram a desfalecer. A melhora da situação econômica dos associados fez retornar o individualismo e cada família só tratava de si.

- Quer dizer que já havia uma melhora na situação econômica? Quis saber Valdir.

- Já. Não todos, mas até os piorezinhos já comiam com regularidade. Tinha uns que estavam enricando e avançavam sobre a posse dos outros, comprando os serviços e aumentando o patrimônio. Principalmente os líderes dos mutirões, como o Matias, o Jorge e outros. Apesar disso, ninguém devolveia os financiamentos.

- Os empréstimos ajudaram a melhorar e enricar comentou Juvêncio.

- É verdade. Umas 50 famílias já estavam com a terra regulamentada e plantios permanentes, por volta de 1973. Mas neste ano os financiamentos foram suspensos e a Cooperativa deixou de comercializar a safra. Foi aí que deu para ver melhor quem havia enricado e quem só se sustentava com os empréstimos da Cooperativa. Todos haviam aumentado a produção, mas a maioria ainda estava longe do mínimo para se auto-sustentar. Aí, muita gente voltou a vender na folha e

as queixas aumentaram. O que restava de grupo comunitário era o do gado, que já estava com 30 cabeças, solta cercada e capineiras de colônia e elefante, e outros com alguns sítios com café, laranja, banana e abacaxi e uma pocilga. Os cafezais tinham uns oito mil pés, o laranjal 800 pés havia três mil bananeiras e 600 pés de abacaxis. A pocilga tinha 8 matrizes. A Cooperativa tinha uma farmácia, seis silos para armazenar grãos, animais de carga e um arado. A casa de farinha continuava funcionando, mas arrendada para um associado.

Em 1974 foi construído o estábulo para a criação de gado e chegou uma nova equipe de quatro pessoas. Vieram uma educadora, um agrônomo, uma enfermeira e um contador. Como os financiamentos tinham cessado a equipe podia ter mais contato com os associados porque não precisava gastar tempo com a burocracia dos financiamentos.

- Em compensação, atalhou Juvêncio, tinha que ouvir mais queixas por causa da venda do serviço na folha, e teve que se meter nos casos de roubos e de animais soltos estropiando os roçados.

- Vosmicê lembrou bem, seu Juvêncio, continuou Joana com uma ponta de ironia. Em 1974 os atritos na Cooperativa e dos associados com a nova equipe cresceram muito. Tem um relatório da diretoria dando conta que as mulheres haviam abandonado o gado e que pelo voto de 23 associados contra dois, a Cooperativa decidiu entregar o cuidado do gado a um só homem. O governo também começou a apertar o movimento cooperativista com normas rígidas, multas e outras penalidades, fazendo com que a diretoria se sentisse incapaz de assumir todas essas exigências burocráticas. Tudo isso fez retornar com força aqueles assuntos que a sua

equipe de 1971, seu Zé, já havia apresentado: devia-se continuar com a estrutura da Cooperativa, com toda burocracia, sistema de comercialização, necessidade de capital, gerente de fora sem lugar para os sócios? Ou era preferível adotar uma linha de desenvolvimento integral mais lento, que não faz deste povo um grupo privilegiado e artificial, e que portanto não pode resolver os problemas urgentes, como a venda de safra na folha?

- Essa opção foi mais cruel do que a nossa, observou Valdir. Eu não sei como se pode realizar desenvolvimento integral, mesmo mais lento, sem tratar dos problemas urgentes,,como a venda da safra na folha, financiamentos, comercialização e outros problemas materiais que fazem parte do desenvolvimento integral. Vosmicê mesmo disse que miséria demais é a pior coisa. Como pode haver desenvolvimento integral se não se cuida dos problemas que conduzem a ela?

Joana parecia absorta. Juvêncio desta vez não se mexeu.

É, vosmicê coloca coisas que merecem reflexão, retomou Joana. Acho que a gente vai ter bastante tempo pra conversar sobre tudo isso. Mas agora, vamos completar o fio da meada pra saber como estão as coisas neste momento. O fato é que os atritos foram crescendo e em 1975 o Conselho de Administração da Cooperativa votou uma censura à equipe técnica por interferência nas atribuições da diretoria. A equipe havia autorizado a venda de um boi sem ouvir a diretoria. Acho que essa foi a gota d'água, embora não o assunto mais importante, para decidirem fechar a Cooperativa em agosto de 1975. Então hoje o que existe são as posses familiares, e muita reclamação daqueles que eram crianças, cresceram, e não encontram terra para trabalhar. Culpam a diocese por causa disso.

- Têm uns que falam que se São Loganso não botar este lugar pra frente, o bando de buchos d'aqui não botarão, acrescentou Juvêncio.

- E eu não sei como resolver. A diocese solicitou ao INCRA que faça a divisão dos lotes, mas a quantidade de terra é insuficiente para a população que existe. E as pessoas querem trabalhar aqui porque ficou provado que sem a avareza dos antigos rendeiros é possível produzir muita coisa. Eu dos cafezais laranjais, bananais e dos abacaxis. Tem também as roças de mandioca e os roçados de milho, feijão mamona e uns algodõzinhos aqui e ali. As mães agora reclamam do preço do leite, mas a criação do gado continua só de hortas, seguindo a passada do Matias, têm umas quinze, com a vantagem de que o pessoal perdeu aquele preconceito de que verdura era capim e de que eles não eram coelhos pra comer capim. Algumas mulheres plantam só para o gasto da casa, para verem as crianças coradas, mas há outras que plantam pro gasto e pra vender. Vosmicê, seu Zé, vai andar de novo por aí e vai ver que tudo é ainda muito pobre, mas não é mais aquele miserê geral que havia quando estive aqui dez anos atrás. Ainda tem o bubão, o lecho e outras doenças esquisitas que ninguém sabe dar o nome, mas já não se morre tanto como antes. O que forte e difícil de tirar é a ignorância e a falta de conscientização. O serrano é muito passivo e individualizado, ao contrário do sertanejo, e sua conscientização é muito mais lenta. Mas isso, como a gente combinou, é conversa pra depois, mesmo porque hoje a gente só fez converse e está na hora de cada um se recolher.

## **A falação e a romaria**

Valdir dormiu na antiga casa paroquial, que também fora sede da cooperativa. Desta vez não precisou dormir em rede. Arrumaram-lhe uma cama, os lençóis estavam limpos e, mais importante do que tudo, havia bons cobertores. Mesmo sendo janeiro, as noites em São Loganso são sempre frias.

Pela manhã, acordou quando o dia começou a quilarear. Depois de lavar o rosto e se vestir com um bom agasalho, saiu para a calçada e ficou apreciando o movimento. Já havia muita gente se mexendo. Uns dirigiam-se para as roças, carregando instrumentos de trabalho. Outros iam certamente para o mercado comprar alguma carne ou mantimento para a comida do dia. Se o volteio não era muito comprido, vinham até perto para verificar quem era o estranho plantado na frente da casa paroquial. Davam “bom dia” e seguiam adiante.

Não eram sete horas quando a Maria se chegou para fazer o café da manhã. Nenhum galo ainda se atrevera a cantar, embora o sol já penetrasse por entre a neblina. O frio permanecia inalterado. Valdir entrou e sentou-se à mesa para esperar o desjejum. Tirou da sacola alguns papéis e entreteu-se com eles. Releu mais uma vez a carta de Dom sobre INCRA:

“Fizemos uma grande assembléia. Esta colocou as condições conforme as quais aceitaria que o INCRA fizesse a medição topográfica, o projeto de parcelamento e a titulação cartorial de cada um. O INCRA acolheu as condições. Brasília está de acordo. O coordenador regional do INCRA acaba de telefonar dizendo que vai mandar as escrituras para que

eu assine, doando as terras ao mesmo INCRA com a cláusula essencial de que realize o projeto dentro daquelas condições. Uma delas é que o INCRA, após a realização do projeto de parcelamento, se retire, deixando a turma totalmente autônoma. Nos casos em que o INCRA desapropriou e comprou as terras, costuma transformar os parceiros em colonos, com uma longa e limitante dependência.”

A preocupação com a libertação dos camponeses continuava presente, embora os caminhos para ela tenham se mostrado mais difíceis do que o desejo sincero. Mais uma vez a sorte fora lançada. O que sobraria da antiga experiência? O que se poderia aproveitar dela? O bispo acertara com Valdir uma pesquisa para conhecer a memória da motivação e da pedagogia utilizadas em São Loganso e avaliar a situação atual. Com base nelas, queria vislumbrar as perspectivas e os horizontes futuros.

Ia ser preciso fazer entrevistas com as famílias dos antigos associados e moradores do lugar, estimulá-los a dizer sinceramente o que pensavam a respeito da cooperativa e de tudo o que se passou desde que ela foi fundada. Daria certo? O pessoal falaria? A conversa com Joana havia sido preocupante. O que acontecera em 1971 havia sido tão efêmero, que havia se perdido na memória do tempo, ou os que haviam participado estavam escondendo, por algum motivo que ignorava?

Afastou a preocupação e voltou sua atenção para uma outra folha, com anotações do resumo cronológico da Cooperativa:

“1966: encerrados os contratos de arrendamento;

1967: terras postas à disposição da Experiência de Desenvolvimento Comunitário; chegada da 1ª equipe técnica, com

Francisco Lapa, (agrônomo), Betina (assistente social) e Mariliza (educadora); fundação da Cooperativa Agropecuária de Matariz, com 97 sócios, em 19 de novembro;

1968: vinda da 2ª equipe técnica, com Ronaldo Mercado (agrônomo) e Celeste Silva (assistente social) (ficaram até julho); inscrição da cooperativa no INDA;

1969: Escritura de doação, em domínio pleno, das terras para a cooperativa. Cláusulas importantes: em caso de extinção da cooperativa as terras retornariam à doadora para aplicar em finalidades semelhantes; em caso de desvio das finalidades, a doadora poderia reaver judicialmente a posse, para aplicar em finalidades semelhantes.

1974: 259 associados;

1975: (9 de novembro): assembléia geral extraordinária decide o fechamento da entidade; liquidante: Osvaldo Curió contador: Otávio Martírio;

1977: assembléia com 77 sócios nomeia como diretores: Boanerges Oliveira, Osvaldo Curió, Manolo Silva e Paulo Ramos para preservar o patrimônio Na margem, uma interrogação;

1980: INCRA e BNCC declaram definitivamente liquidada a Cooperativa e as terras retornam à diocese;

1981: assembléia geral, com 154 votantes, decide que as terras serão doadas aos antigos associados; intenção da diocese: passar escritura pública de tantos módulos de 30 há quantos a terra permitir, dentro dos critérios de prioridade previstos nessa assembléia;

1982: topógrafos do projeto sertanejo começam a medição da Roda Externa da área que pertenceu ao Santo. Diocese recorre ao Iterce, diante das dificuldades, para intermediar um projeto mais racional de parcelamento”.

Valdir não tem tempo de raciocinar muito sobre o que acabara de ler. O cheiro do café, trazido por Maria, é mais forte. Mas a boca lhe parece amarga com tudo o que lera. Nada de novo. Já tinha lido as anotações várias vezes durante a viagem e sempre lhe vinha à mente o tempo que se esperou pela deterioração da cooperativa e do uso das terras. Foi interrompida na repetição dos pensamentos com a chegada de Juvêncio.

- Dormiu bem?

- Bom dia. Dormi. E você, está pronto pra andar comigo? Senta aí pra tomar um café.

- Maria! O Juvêncio chegou e já está reclamando que não tem caneca pra ele.

Maria trouxe o bule fumegante, mais mandioca cozida e uns bolinhos de polvilho.

- Pronto, podem matar a fome.

- Isso aqui não é mandioca brava, é? Perguntou Juvêncio.

- Se for, você vai sentir logo, seu inxirido.

Enquanto comiam, Valdir combinou começarem as visitas na Baixa Verdejante, pelo Nonato. De lá iriam se chegando de volta pra Matariz, até chegar na rua.

No caminho foram cruzando com moradores que desviavam apressados ao vê-los, ou que passaram a segui-los de longe, como quem não quer nada e segue no mesmo rumo por acaso.

- Parece que vai ter assembléia, comentou Juvêncio.

- Você acha que todo mundo por aqui vai se achegar pra conversa?

- E pra mode de que eles estão indo na mesma trilha?

Chegaram a uma casa de taipa meio grande, coberta de palha de babaçu. Foi um rebuliço entre a criançada da casa. Rodearam os recém chegados como se fossem animais jamais vistos naquelas paragens. Juvêncio perdera a condição de conhecido para tornar-se um estranho, assim como Valdir. Todos já sabiam que havia alguém mandado pelo bispo - o telegrafo rural funciona com uma surpreendente eficiência e rapidez -, mas não esperavam ser visitados por ele.

- Cadê seu pai, foi perguntando Juvêncio para um dos meninos.

- Tá lá dentro.

Seu Nonato assomou à porta sem que fosse preciso chamá-lo.

- Bom dia seu Nonato. Esse aqui é o Zé Alves, que trabalhou na cooperativa na época em que vosmicê tava pro Sul.

- É, não me lembro dele, mas já ouvi falar...

Valdir tomou a iniciativa da conversa.

- Seu Nonato, agente tá aqui a pedido do bispo pra conversar com as pessoas sobre a Cooperativa. Agora que a cooperativa terminou, ele quer saber como foi toda a história...

- Mas vamo, que não carece de conversar de pés.A casa é pobre, mas é de vosmicê também. Vamos se abancar.

A sala era de chão batido, com quatro janelas. Bancos de madeira lavrada distribuíam-se rentes às paredes. Várias redes de dormir estavam enroladas e penduradas nos esteios, enquanto uma ainda se encontrava estirada. Internamente, meias paredes faziam a divisão dos cômodos, a sala dando diretamente para uma cozinha ampla, onde um fogão à lenha produzia uma fumaça clara, que saia parte pela chaminé, parte pelas janelas, inundando a casa com um pouco de calor e, também, com um ar irrespirável.

Seu Nonato não esperou novo incentivo para começar.

- Olhe, seu moço, em 67 foi formado um conselho comunitário e o presidente desse conselho durou muito pouco. Naquele tempo tinha a Mariliza, a Betina e o Vilson, que viviam aí em contato com o povo. Eu morava mais de um quilometro pras bandas do Tororó. Então, eu nunca pensei que morando lá eles ia nomear o meu nome para a presidência da cooperativa...

- Quem? Quis saber Juvêncio.

- O pessoal que trabalhava aí na equipe.

- Não, seu Nonato, eu quero saber nomeassem quem?

- Eu, pra presidente. Com 5 ou seis dias, ou 10, sei lá, aí alguém achou que eu era comerciante... Daí, quando foi no dia tal, também não sei, aí veio a nomeação para a cooperativa. Fiquei um pouco desconfiado, no trabalho eu nem tinha participado de nada. Aí alguém falou: não, o capacitado é o Nonato. Fui votado e fui bem cotado. Aí eu assumi e estava

até despreparado, sem dinheiro, sem nada, mas tive que viajar para a capital para assinar os papéis da cooperativa. Eu não conhecia a capital, só tinha noções de índio na cabeça, mais nada.

- Então, o senhor foi nomeado pra presidente da Cooperativa ou foi escolhido pela assembléia dos sócios? Perguntou Valdir.

- As duas coisas, que tudo é igual. Quando voltei da capital assumi a minha responsabilidade na cooperativa, no conselho fiscal, no conselho da diretoria. E aí funcionou, funcionou até um ano e meio, funcionou bem. Tinha várias pessoas para dar ajuda. A Paula Ester trabalhava pra fundar o sindicato em Iperá. Ela tinha trazido 16 mil dólares do exterior, era muito dinheiro naquela época, que foi gasto para a Cooperativa funcionar. Mas aí o dinheiro acabou. Por falta de dinheiro o Zezé agrônomo foi embora. Aí vem o compadre Mercado pra ficar comigo, mas não chegou a dois meses também pifou porque todos os contratos com o exterior pifaram. Então nós resolvemos cobrar a renda pelo uso das terras, na base de 3 por 1, para funcionar a cooperativa.

- Resolveram cobrar renda novamente? Quis saber Valdir.

- É. Mas teve quem falou que o bispo doou as terras e que não tinha nada que pagar renda. Em 69 foi a doação, com documento em cartório. Como presidente eu tinha que assinar o documento. Aí o procurador perguntou se eu ia só assinar sem entender, ou queria entender para assinar. Eu disse que queria entender. Então tinha uma ultima parte que dizia que se a terra, se a cooperativa falir e as terras voltarem para as mãos da diocese, novamente para ficar em plano semelhante, ou da mesma natureza, então eu resolvi renunciar.

Vosmicê renunciou por causa disso? Perguntou Juvêncio.

- Foi, visto que eu não estava servindo, o meu trabalho era de roça, e não de assistência a ela. Nesse mesmo ano eu fui pro Rio e só voltei em 71, no fim de 71. Quando cheguei de volta, a cooperativa já tinha era uma empresa, não era mais cooperativa. Era uma empresa, o quarto da sede estava cheio de milho, farinha e outras coisas. Eu trouxe uns trocados e comprei milho, feijão, o que tinha no depósito. Aí gastei nas terras bravas, sem parar, até que piorei de vez. Estou na pior. As equipes fizeram muitas coisas boas, mas o povo daqui é que não quiseram nada.

- Mas não teve aqui na Baixa Verdejante os grupos de mulheres trabalhando?

- Eu só sei de ouvir contar. Diz que quando a Salomé, a Damiana e as outras mulheres foram plantar aqui nessa baixa, que era da Donana, essa mesma resistiu. Um velho que morava com ela corria atrás das mulheres do mutirão. Mas adespois a Donana acabou se convencendo e as mulheres puderam plantar.

- Mas o senhor diz que agora está na pior. Quer dizer que a cooperativa deixou o senhor pior?

- Quando cheguei em São Loganso em 1934, vivia sob cativoiro, trabalhava numa sujeição medonha. Trabalhava nas terras do patrão, tinha que pagar renda, não podia pegar lenha e ainda o patrão, às vezes, soltava o gado na plantação. Quando fundaram a cooperativa, as terras ficaram libertas, todos ficaram livres e entraram nas terras. A cooperativa começou muito bem, para ser uma grande cooperativa, mas aconteceu foi o seguinte..., os chefes dos mutirões cativavam os outros com o

financiamento, porque ele pegava o financiamento na cooperativa e só dava aquela raçõzinha para os outros, porque cada um dos sócios da cooperativa era como se fosse um sócio único... assim, muitos saiam com o burro grande, outro com o burro pequeno...

Juvêncio cutucou Valdir, que estava absorto no que seu Nonato falava e controlava o gravador. Só então se deu conta que a sala estava apinhada de gente ouvindo a conversa, além dos que se encontravam do lado de fora, tentando ouvir pela porta e pelas janelas.

- É tudo gente aqui da Baixa? Perguntou a seu Nonato.

- Tem muitos da baixa, mas tem outros de Matariz e tem uns aí que são de mais longe Novidade aqui em cima, seu moço, corre como a neve carregada pelo vento.

- É, estou vendo. Assim a gente aproveita e conversa logo com mais gente, se o senhor concordar.

- A casa é de vosmicê...

A frase foi dita de tal modo que Valdir ficou na dúvida se ele concordava ou não... Por isso, continuou dirigindo-se somente a ele.

- Sua família é muito grande seu Nonato?

- A mulher teve 16 filhos. Cinco morreram. Têm uns 5 casados. O resto ainda ta solteiro e véve aqui. Alguns já tão bem taludos, mas tem outros que nem criaram buço: ainda estão naquela idade que nenhuma novidade pode ser perdida. Dos casados, uns vivem do comércio do coco, outros de alugado. Aqui a gente faz como todo mundo: pegamo madeira na mata, mas não plantamo árvore nova. Hoje tem pouca mata...

Bastou uma pequena pausa para que alguns dos presentes começassem a dar seu “testemunho”.

- Muitas pessoas trabalham de alugado, disse um. Mais ou menos... 50 pessoas... a maioria é casado, filhos de sócio... Muitos trabalham de alugados... por não terem terra... outros têm, mas não têm condições de tocarem a terra... Depois da cooperativa eu pude plantar fruteiras... Tenho 8 filhos... mas só dois trabalham... Um deixou os estudos para trabalhar.

O “testemunho” era aos arrancos, entrecortado, talvez com receio de não falar o essencial. Antes que Valdir pudesse localizar quem falara, uma mulher já madura, rosto encarquilhado, os cabelos escondidos sob um lenço de cor indefinida, tomou a palavra:

- Não tem emprego para as mulheres, só na roça. Depois que acabou o projeto do gado, tem muita criança passando fome. Muitas crianças morrem de fome ou crescem com a cara inchada de comer só pirão com açúcar, porque não tem leite. Hoje só tem 3 vaquinhas em toda a região, que dão pouco leite...

Boanerges, pai do Juvêncio, chegou nesse momento. Os que estavam na porta deram-lhe passagem, com uma certa reverência. Seu Nonato levantou-se para recebê-lo e mandou, com uma ordem seca, que um dos jovens abancados lhe cedesse o lugar. Antes de sentar-se, Boanerges cumprimentou Valdir.

- Vosmicê bem que podia ter aparecido lá em casa...

- Não quis dar trabalho. E o Dom havia pedido pra gente começar a pesquisa pela Baixa e só depois ir pra Matariz. Aí, então, a gente vai passar na sua casa. O Juvêncio sabe disso.

Não era completamente verdadeiro, mas era uma forma de mitigar o ciúme inevitável de muitos por não haverem sido os primeiros a serem ouvidos.

- Mas já que o Boanerges está aqui, dando a honra de sua presença, ele também podia dar o testemunho dele, voltou a falar seu Nonato daquele jeito só dele, sem que se soubesse se ele estava mesmo querendo aquilo ou dando uma pinicada no outro.

- É muito bom, concordou Valdir. Boanerges não se fez de rogado.

- Antes da cooperativa eu era meeiro, pagava metade da cana. Outros pagavam 3 por 1, sem direito ao babaçu, que era de quem arrendava, que colhia tudo e depois vendia. Pra terem direito à lenha tinham que tocar um roçado. Eu fazia a farinha na fábrica do patrão. O trabalho de diária para o patrão não era obrigado e ele pagava o dia. Muita gente estava numa sujeição danada, não tinham quase o que comer, deviam na folha e trabalhavam para pagar o fornecimento da D.Mafalda. Não se podia plantar abacate, banana e outras fruteiras. Se plantassem não tinham direito às frutas. Agora, no inverno, a gente é que às vezes precisa pagar diária.

Seu Nonato acrescentou:

- Em toda parte da serra e do sertão ainda manda o sistema da meia e da terça. São Loganso é a única exceção. Quando o inverno é bom, consigo sustentar a família, mas quando o inverno não é muito forte, não

consigo. Agora a gente pode pegar madeira para as cercas e para cozinhar. Geralmente, quem trabalha de alugado é o pessoal da encosta, antes de chegar na rua.

- Quer dizer que sua situação melhorou, em vez de piorar? Valdir pensou ter encontrado uma contradição no que ele dizia.

- Quando foi criada esta lei da Cooperativa, minha situação melhorou muito. Mas se não tiver inverno, a solução é deixar a família e ir pra outro lugar onde possa conseguir dinheiro. Já fui para o Rio 3 vezes. Este ano não vou. Tenho um pouco de mandioca e o governo deve dar emprego no plano de emergência. Até a baixa está seca. Plantei banana na baixa, mas morreu. Então plantei mandioca. Assim, a situação melhorou, mas também piorou porque não tem segurança todo ano.

- O que dá mais em São Loganso é mandioca, feijão e milho, continuou Boanerges. O arroz só dá na baixa se ta bem alagadiço de inverno. Nos últimos anos não plantei arroz porque até na baixa está seco. Antes da cooperativa tinha que trabalhar segunda e terça para o reideiro. A lenha tinha que ser roubada, porque se o reideiro visse pegar a lenha, era obrigado a pagar. Já trabalhei de diária, mas não trabalho mais. Às vezes pago diária, na época da colheita. O pessoal que trabalha na diária é de Matariz mesmo, geralmente o pessoal mais novo.

A conversa se prolongou por mais um bom tempo. Vários outros, além de Nonato, Boanerges e Dona Serafina - a mulher do lenço na cabeça - deram seu testemunho, mas nada substancialmente diferente da fala dos três. Quando Valdir e Juvêncio se despediram e caminharam para Matariz, foram acompanhados até a rua por uma verdadeira romaria.

## Mais Falação

À tardinha, Valdir tinha achado melhor entrevistar o Raimundo Alpes na casa dele. Lá talvez não juntasse tanta gente e era uma forma de ouvir um dos prejudicados com a cooperativa. Pedira ao Juvêncio para consultar o velho rendeiro e ele concordara com a visita. Quando se aproximaram da casa, toda de alvenaria, mas mostrando evidentes sinais de decadência nas paredes descascadas e nos matos crescendo nos telhados, a figura alquebrada do ancião já os esperava no alpendre.

Valdir foi o primeiro a falar:

- Boa tarde, como vai vosmicê, seu Raimundo?

- Rangendo os ossos, seu Zé. Vamos se chegar! Se assentem, por favor.

O velho continuava falando manso, mas firme. Perdera o cetro, mas mantinha a majestade e não passava a impressão de haver perdido a guerra.

- Seu Raimundo, acho que o Juvêncio já lhe falou pra mode de que é a nossa conversa.

- Já, e não carece a gente deitar falação fora. Eu inté gosto de contar os causos daqui de Matariz. Eu to em São Loganso desde 1931, como foreiro. Pagava a renda pra igreja em dinheiro e os sub-rendeiros pagavam renda pra mim conforme o terreno. Se o terreno fosse bom, pagavam meia. Se não fosse, pagavam 3 por 1. E se o terreno fosse muito

ruim, com grama, toco pra arrancar, pagavam alguma coisinha pra não ser de graça. Não sei dizer quantas braças tinha antes da cooperativa. Quando comprei a terra, ela era brava, cheia de toco e mato.

- O senhor comprou a terra? Interrompeu Valdir.

- Comprei porque fiz contrato de foro com a diocese. Fui eu que amansei o terreno. Plantava feijão, milho e mandioca, mas só para comer. Não dava para vender, que a terra é muito ruim. A farinha não dava pra vender. Só quando a gente precisava de dinheiro, era obrigado a vender perdendo dinheiro... pra comprar um pedaço de pano, um calçado, um chapéu. Fui casado duas vezes, tive 17 filhos, 11 casados. Com 80 anos, me aposentei. Depois que deixaram de pagar a renda, minha situação piorou muito, passei necessidade. Não planto legumes porque a terra é fraca. O que melhorou na plantação é que antes não plantavam banana, abacate e laranja e agora plantam. Quando as terras me pertenciam, eu proibia esse plantio e o corte da lenha, pra evitar acabar com a madeira. Agora estão acabando com a madeira. As terras do Santo eram muito maiores, mas teve uma época que a diocese, antes do Dom, vendeu uma parte...

O velho parou de repente. Vindo de dentro da casa, assomou à porta o vulto de um homem.

- Esse aí é meu filho Antonio. Ele pode fazer parte da conversa?

- Pode, lógico. Quem o senhor achar que pode fazer parte da conversa, pode vir, assentiu Valdir.

- Senta aí, Antonio. Mas como eu ia lhe dizendo, a terra que eu comprei como foreiro era brava, cheia de toco, e eu amansei, criei os

campos, que o dom tomou conta, libertou tudo. O bispo é o regente, o diretor das terras e se for vantagem pra ele, ele doa. O bispo foi bom pra mim... foi... achando que o povo enxergava... o povo acha que quando tem liberdade... a maior parte do povo é assim. Tem gente que não presta melhorar nada pra eles não. Acho bom dividir as terras e que cada um tenha seu documento de posse, porque nas terras em comum as pessoas não são leais com o serviço de cada um.

Mas quando fundaram a cooperativa, houve briga com os foreiros como o senhor?

- Houve não. Quando a cooperativa foi fundada não houve briga com os foreiros. Alguns ficaram sócios da cooperativa e continuaram lá, mas sem mandar. Outros ficaram sem nada, porque não quiseram fazer acordo com o Dom, como foi o caso da Donana, que não aceitou a indenização de Cr\$ 6mil, queria Cr\$ 11 mil e acabou indo pra São Paulo.

- Quer dizer que o senhor recebeu uma indenização?

- Foi por causa do contrato. A diocese rasgou o contrato de aforamento e teve que pagar. Mas, desde que o Dom veio aqui e fez o discurso, eu já sabia que a cooperativa não teria progresso. Não trabalhei no movimento, mas não fui contra a cooperativa porque a terra não era minha. Mas eu era proprietário, era foreiro e tinha direitos sobre a terra. A gente deveria se reunir para debater o passado, a cooperativa, mas tem gente que não tem coragem de falar, que fica escondendo as faltas dos outros. O gerente da revenda hoje está rico. Deveria ter gente de fora para fiscalizar.

Antonio fez um leve sinal para o velho, que assentiu com a cabeça.

- A cooperativa acabou por causa dos mutirões. Os empregados dos mutirões pegavam o dinheiro da cooperativa e não pagavam. Eu melhorei sempre um pouco, porque eu não sou trabalhador, eu sou preservador do meu que eu ganho. Mas aquilo que eu faço eu não sei estragar com besteira, aplico no que vejo com vantagem. Meu caso é este. Mas não sou preguiça também não: planto milho, feijão e mandioca e não trabalho de alugado. Antonio falava mais rápido do que o pai, mas no mesmo tom baixo e incisivo.

- E você também acha que a divisão das terras vai melhorar? Perguntou Valdir.

- Meu pai que me perdoe, mas esse negócio de dividir as terras vai ficar ruim. Onde é que esse pessoal vai trabalhar? Hoje, do jeito que está essa terra toda, um ano eu broco o roçado aqui, outro na baixa Verdejante, no outro ainda broco o roçado no Mucugê. Repartindo as terras, trabalho um ano, no outro cadê? Até pra gente tratar de uma cabra, de um jumentinho, que é o que mais a pessoa precisa, vai ser difícil. Aqui a pobreza é tão pobre, que nem um burro não tem quem possa possuir, que é mais caro, possui um jumentinho que é mais barato, e só.

- Tem uns que não estão de acordo com a divisão porque estão em terreno bom e podem perder um pedaço dele em troca de outro pedaço ruim, emendou seu Raimundo. A maioria acha que devem ser doados dois pedaços: um na baixa e outro no alto. Mas mesmo assim tem baixa boa e morro bom e morro ruim. Se o camarada pegar um morro que

só tem lajeado, como vai ser? Pega uma baixa maior? Se for desse jeito pode ficar ruim a divisão.

O velho, sem se desdizer, fez um recuo para não ir contra o filho. Mas não deixava de ser interessante que sobre uma questão tão decisiva, eles estivessem com opiniões opostas. A conversa continuou ainda por algum tempo, sem acrescentar muita coisa mais ao que já haviam dito. O café-garapa foi servido com certa cerimônia e Valdir teve que rispostar a gentileza elogiando a bebida.

A noite já tinha caído quando se despediram e apressaram o passo em direção à casa paroquial. Maria já deveria estar com a mesa posta para o jantar e não era certo fazê-la esperar, comentou Valdir.

Juvêncio riu.

- Inda mais que a gente ta é com fome, não é mesmo?

- É, mas antes eu vou me banhar. Se você estiver tão faminto quanto parece, pode comer logo.

Não, vou lhe esperar porque a essa hora já deve ter é gente lá, esperando pra conversar.

Chegaram às mangueiras da praça da Igreja, cujas copas escureciam ainda mais a rua. Os lampiões das casas já estavam acesos e o tempo morno permitia que muitas janelas fossem deixadas abertas antes do frio descer. Na calçada da casa paroquial dava para vislumbrar um grupo conversando, embora não fosse possível divisar quem era quem. Só quando se aproximaram mais Valdir reconheceu o Matias, o Jorge e o Osvaldo. Havia outros três dos quais não se lembrava.

- Boa noite pra todos!

- Boa noite! Ô Zé Alves, a gente também quer conversar com você. Matias falou por todos.

- Vocês já jantaram?

- Você sabe que a gente aqui come cedo.

- Então vocês só vão me dar licença pra tomar um banho engolir o de-comer preparado pela Maria, ta bom?

- A gente espera.

Valdir entrou pela porta ao lado, diretamente na copa. Maria estava entretida no fogão e quase levou um susto.

- Vosmicê já quer que ponha a comida na mesa?

- Daqui a pouco, Maria. Só vou tomar um banho. Mas acho que o Juvêncio já quer comer.

- A água quente já está pronta. Ô Juvêncio, coloca o panelão lá no banheiro pro Zé Alves.

Depois do banho e do jantar Valdir convidou o grupo para entrar e se abancar na copa havia mais uns quatro, além dos que encontrara ao chegar da conversa com o Raimundo Alpes. Maria serviu café pra todos.

- Então faz um tempão que a gente não se via, começou Valdir. O Matias parece até que encompridou um pouco mais.

Todos riram. Matias era um tipo de sertanejo alto e esguio, completamente diferente do padrão comum naquela região, de população baixa.

- É o trabalho que me faz encompridar.

- Então, pra não encompridar muito a conversa, vocês sabem pra mode de que eu estou aqui, não é mesmo?

- A gente tá sabendo que você está ouvindo as pessoas sobre a cooperativa. Mas o que é mesmo que você está fazendo? Conversa fiada ruim prá nós? Provocou Matias.

- Tô gostando. Você continua direto e franco como sempre, hein Matias? Se a conversa é fiada e se ela é ruim pra vocês, só depois é que vocês vão poder saber. Como saber antes de acontecer? Aqui na serra tem gente que tem os braços compridos para puxar tudo que é bom para si, mas os braços curtos pra tirar do seu e ajudar os outros. Mas nem todo mundo é assim. Agora que não tem mais cooperativa e as terras vão ser divididas, o Dom quer saber como vocês pensam que vai ficar São Loganso depois disso e se a cooperativa serviu pra alguma coisa de bom. Vocês dizem o que pensam, se quiserem, e eu relato tudo para o Dom. Ninguém é obrigado a nada.

- Quer dizer que vosmicê não veio aqui pra comprar as terras? Perguntou um dos que Valdir não conhecia.

- Comprar as terras? Valdir se espantou com a pergunta.

- É, assegurou Matias. O boato que corre aqui é esse.

- E vosmicê, o que acha? Valdir utilizou o tratamento formal para se distanciar um pouco do Matias. Tinha a desconfiança de que ele era um dos boateiros.

- Como vou saber?

- Vosmicê sabe que os boatos daqui são como a "neve": aparecem primeiro no talhado, depois cobrem a serra toda e parece que vão ficar de verdade. Mas basta o sol da verdade esquentar um pouquinho pra eles se desfazerem e sumirem.

Matias não respondeu. Sabia que Valdir estava se referindo a ele, mas não quis passar recibo para os demais.

- Agora que vocês sabem que esse negócio de comprar as terras de São Loganso é boato, se vocês quiserem falar o que pensam sobre a cooperativa, sou todo ouvidos. Por que vosmicê não começa, completou Valdir, dirigindo-se a Matias.

- Eu acho que a cooperativa não deu certo porque as equipes vinham aqui, faziam um levantamento e depois iam embora e confiavam no pessoal daqui. Ninguém pensava em formar uma cooperativa. Os planos eram só plantar para comer. Como tinha dinheiro no negócio da cooperativa, ela foi fundada de cima para baixo. O rico vive da riqueza dele e não vê a necessidade dos pobres.

- Mas vosmicê melhorou, ou não?

- As pessoas melhoraram de vida por causa da libertação. Liberdade é ter mais oportunidade pra trabalhar, é não precisar pagar renda, é ter um terreno pra trabalhar. Quem tiver capacidade de subir, sobe. Foi o que aconteceu na cooperativa, muitos subiram na sua administração.

- Eu também tive oportunidade, mas não pensei no futuro, atalhou um caboclo baixo e magro, que Valdir reconheceu sem lembrar o nome. Muitas pessoas acham que o Mário da Tereza e o bispo são culpados pelo fim da cooperativa, mas a culpa é do povo.

- É verdade, continuou Matias. A cooperativa não deu certo porque os sócios se desinteressaram, pronto abandonaram. As pessoas não tinham interesse: faziam empréstimos e não pagavam. O povo só

queria destruir. As pessoas de São Loganso não dão certo pra administrar a cooperativa. Elas não entendem nada disso.

Um dos outros da roda, que se apresentou como Galdino entrou na conversa.

- Dói na consciência trabalhar de alugado na terra do Santo. Quem trabalha com a cabeça como o Matias, é inteligente e não sofre tanto. Mas quem não trabalha com a cabeça, sofre. O terreno que tenho não dá pra sustentar a família, por isso também trabalho de alugado. Nós somos mais fracos, então temos que trabalhar para os mais fortes. Não trabalho todo dia de alugado, mas acharia bom se fosse todo dia, como no Sul. Já trabalhei em hotel, fábrica e construção civil no Sul. A situação com a seca esta muito ruim e se não chover vamos ter que sair pra não deixar os filhos morrerem de fome. O que ainda salva são os cocos.

- E as mangas, acrescentou Juvêncio. Na serra é bom demais... quem não almoça, rói manga verde...

Galdino não parou para responder à intervenção.

- Na época da seca muitos vão para o Sul, mas se não arrumam emprego, a família fica na rua, passando fome. Trabalhei 5 anos pagando renda. Já fui pro Sul algumas vezes, passava um tempo lá e a mulher ficava com as crianças trabalhando. Antes plantava só milho, feijão e mandioca, não plantava frutas. Hoje planto mandioca, milho, feijão, batata e banana nas áreas molhadas. Agora vivo melhor que antes da Cooperativa. Mas na época da Cooperativa era melhor.

Um sarará de nome Filismino pediu pra falar.

- Moro na Baixa Verdejante, trabalho em sociedade com mais dois. Não gosto de ir para o Sul porque lá ávida é muito ruim. Um dia estava fazendo compra num supermercado e entraram cinco assaltantes de metralhadora. Na baixa tem mais de 100 pés de manga, mas as crianças não deixam amadurecer...

- Num falei? Interrompeu Juvêncio.

- Nos terrenos fora de São Loganso a gente paga renda e é obrigado a trabalhar 2, 3 dias para o patrão, continuou Filismino. O patrão paga uma diária menor, não chega a CR\$250,00, sendo que o dia de serviço está a CR\$ 300,00. Na época de colheita costumo trocar dia de trabalho com os irmãos e amigos. Antes da Cooperativa só tinha roçado pra trabalhar quando o foreiro dava. Teve um tempo depois da Cooperativa que pagaram renda. Reclamamos, mas abaixamos a cabeça porque já estávamos pagando mesmo. Só depois de reclamar novamente com a equipe é que deixamos de pagar. Meu patrão dizia que a cooperativa não ia pra frente, que era coisa de comunista. Mas eu queria ficar sócio para ter os direitos. Agora estou na baixa há 9 anos e não quero nem saber de terra de patrão.

Das Dores, Damiana e mais duas mulheres que Valdir não conhecia entraram porta adentro como se houvessem sido convidadas. O caboclo que Valdir não lembrava o nome aproveitou o momento para também falar de si.

- Já viajei por esse mundo de Deus. Estive em São Paulo, Rio, Brasília, Belém, Santa Catarina e Porto Velho. Trabalhei de servente e guarda noturno. Minha vida melhorou depois da Cooperativa. Minha mulher

ajuda no trabalho da lavoura. Mas a vida ainda é dura. Estou com filho doente e não levei ao médico porque não tinha dinheiro. Trabalho de alugado pra fazer o sustento dos 3 filhos não casados. Os outros nove já vivem de seu trabalho. Antes da cooperativa, pagava renda. No alto era 3/1 e na baixa a metade. Agora o povo está bem porque ninguém paga renda. Se melhorar, ave maria, se melhorar mais do que está, ave maria, é bom de mais pra nós.

Das Dores não esperou conhecer toda a conversa.

- O povo daqui é o culpado pelo fim da Cooperativa. Pegavam financiamento para fazer roçado e não se preocupavam em pagar. Houve falhas na administração da cooperativa porque a diretoria não enxergava as coisas. Quando Jorge se candidatou a presidente da Cooperativa, o Mário da Tereza foi na minha casa e disse que se o Jorge ganhasse ele cortava todo tipo de experiência da diocese na cooperativa. O Jorge ganhou e a cooperativa acabou...

Damiana não esperou Das Dores completar.

- Quando o mutirão do gado era das mulheres, o gado era bem tratado e aumentou bastante. Mas depois, quando o gado passou para a responsabilidade de um homem, acabou. As pessoas são desunidas, por isso não deu certo criar gado juntos. No ano passado mataram todo o gado do mutirão. Doze homens juntos mataram um boi e dividiram a carne entre eles. A polícia prendeu todos e o seu Osvaldo comprou o resto do gado. O mutirão dos porcos também estava bem, mas mataram todos os animais.

- Faltou uma boa administração nos mutirões, atalhou Osvaldo. Os chefes pegavam financiamento e davam apenas uma pequena parte para

os outros membros. Minha mulher participou do mutirão das mulheres do gado durante 5 anos. Receberam 5 cabeças e entregaram 48. Quando o Jorge assumiu a presidência da cooperativa, passou o gado para um tio dele. Fizeram três reuniões só com uma das mulheres, não avisaram as outras e prometeram uma vaca para ela independente da sorte. A sorte naquele tempo, que tinha um salário de CR\$ 100,00, era uma sorte de 4/1. Por exemplo, nascia 4 bezerros e uma vaca, 3 bezerros, na quarta ela ganhava. Ai o gado foi passando de uma mão pra outra e minguando até cair nas mãos de D. Santana, que não dava conta de cuidar do gado sozinha. Então o gado invadia as roças e o pessoal começou a matar os bois. Primeiro mataram 2 bois, depois 1 touro e por último uma novilha. Quando mataram a novilha, o Boanerges recebeu um pedaço da carne. Por isso acham que ele também é responsável, porque ladrão não é o que faz, é o que aceita.

Juvêncio fez menção de retrucar em defesa do pai, mas Valdir pediu que ele se calasse Das Dores retomou o fio.

- Quando a gente formou o projeto do gado, a gente era só três mulheres, né. Era tudo pobre, mas começamo a trabalhar e naquele tempo tinha uma porção de vaca e o pobre comprava aquele leite. Quando esse dito Jorge entrou na cooperativa, acabou com tudo. Depois que acabou-se o projeto desse gado, muita criança passa fome. Agora a mãe tem dinheiro e não tem leite pra comprar. As crianças aqui costumam morrer de febre e diarreia. Os médicos não explicam qual é a doença. Na época da eleição deram filtro para os que votavam neles, mas não melhorou nada. Aqui também continua sem escola. Ela só funciona dois dias por semana. A

professora é paga pelo município e ganha apenas Cr\$ 405,00. Menos que a gente trabalhando na roça e recebendo diária. A escola de Matariz tem professora do Estado e funciona todos os dias.

- Meu marido está em São Paulo há sete meses e não manda dinheiro nem carta, continuou uma das mulheres desconhecidas. Pra sustentar os filhos, passo e lavo roupa e quebro milho. Quando as terras eram dos rendeiros, não podíamos apanhar lenha nem tomar banho no corgo. Outro dia, um que foi rendeiro foi reclamar comigo porque estava queimando a lenha do seu terreno. Eu disse pra ele que não conhecia ele lá com terreno. O roçado era meu, eu podia queimar minha lenha, né. Não entendo porque a cooperativa se desorganizou de repente. Ela é bem melhor do que pagar meia, terça. A cooperativa estaria bem até hoje porque a revenda nunca ficava devendo nada.

Um que se apresentou como Domingos entrou na conversa.

- Muitas pessoas melhoraram de vida com a Cooperativa, hoje estão bem, porque além de terem um pouco de sabedoria, tiram do pobre que não tem recursos. Mas a cooperativa também melhorou a minha situação, porque antes morava com o patrão e era obrigado a trabalhar segunda e terça pra ele, recebendo um salário baixo, além de pagar renda de 4/1. Os patrões falavam que a cooperativa era coisa de comunista e que nós seríamos mandados pra Argentina, Alemanha. Falavam isto porque não queriam que a gente parasse de trabalhar pra eles. Mas a gente tinha amizade com os rendeiros porque era o jeito que tinha. A gente trabalhava nas terras deles e a gente, pra trabalhar, pra arrumar o que comer, o jeito

era este. Agora estou fazendo 20, 30, 40 braças, porque tenho liberdade. Antes só fazia 10 braças, porque não podia fazer mais nada.

Matias havia se mantido calado e aos poucos fora ficando sem jeito com as observações sobre os espertos. Procurou desviar o rumo da conversa.

- Quando acabou a cooperativa, formou-se uma diretoria para vender o resto do patrimônio e entregar o dinheiro pra diocese. Ninguém pode falar do bispo. Ele pode fazer o que quiser com as terras, porque só a fineza que ele fez já está lá em cima. Mas os rendeiros foram contra porque diziam que ele pegava o terreno deles. Foi ele que teve a idéia de repartir a terra. Mas na reunião que decidiu sobre a divisão das terras, o Dom ficou calado, não disse uma palavra. A decisão foi dos participantes, não do bispo.

- Fiquei sócio da cooperativa porque toda lei que aparece deve ser obedecida, disse Galdino. Sempre acompanhei as leis. Então, surgiu essa cooperativa e eu acompanhei. Ela foi muito boa para os espertos. Os que viviam dentro da cooperativa e sabiam tudo o que acontecia, conseguiram melhorar de vida. Nunca consegui empréstimo porque quando ficava sabendo já tinha acabado todo o dinheiro. Trabalhei no mutirão da laranja, mas não deu certo: as pessoas abandonaram, não sei porque... As pessoas reunindo tinham produção...

- Logo que cheguei aqui fiquei sócio da cooperativa, retrucou Matias. A vantagem que tive foi trabalhar na terra sem pagar renda. Nunca ofereci nada, nem me ofereci, nem nunca fui atrás. Eu até podia ter, mas lá para aqueles mais mimosos, né. O meu mutirão foi o último a cair,

durou de 71 a 74. Trabalhei no mutirão até o fim, mas não deu certo porque os outros companheiros do mutirão resolveram voltar pro sertão. Mas no trabalho ia tudo bem e o que ficou dá gosto de se ver.

O desconforto de Matias era visível. Mas ninguém fazia referência direta a ele.

- Hoje não existe mais mutirão, retornou Das Dores olhando firme para Matias. Cada um trata de seu interesse. As pessoas deixaram de acreditar nos mutirões porque uns eram mais espertos que os outros. Muitas pessoas faltavam no mutirão e quando pagavam um cara de fora para trabalhar no lugar, o cara não trabalhava. Ganhava o suor dos outros. No tempo das equipes tinha moral. O pessoal respeitavam. Depois que as equipes saíram é que o pessoal começou a destruir.

- As equipes ajudaram porque davam dinheiro para o pessoal fazer os mutirões, acrescentou Damiana. Sempre trabalhavam, faziam reuniões, estudavam o solo, ensinavam como trabalhar e o que plantar. Gostei muito do pessoal: tudo matuto, pé duro e muito distinto.

- É, mas teve aí um doutor agrônomo, mas não entendia nada de terra, porque não deu nada, interrompeu Matias. Só tiveram vontade.

- Mas na terra comum é melhor, retomou Damiana, porque a gente pode entrar em qualquer trecho. Se as terras forem divididas, muitos não vão ganhar nada. E as pessoas têm que melhorar esse estão num lugar pagando renda e sabem de um pedaço onde não pagam renda, têm é que correr pra lá. Agora só tenho os filhos e a terrinha para trabalhar e se tirarem essa terra, vou pra lua.

Caiu um silêncio sobre a sala. Valdir olhava para um e para outro, e a expressão era idêntica, uma certa perplexidade diante do que estava para vir. Foi Galdino quem cortou a mesmice...

- A diocese também tem sua obrigação, porque como é que pode, nós vive trabalhando... nós não temos obrigação de assumir o compromisso dela de ponta a ponta. O compromisso que temos com ela é de pagar o que o governo exige. É melhor dividir as terras porque assim posso cercar minha plantação de laranja e abacate pras pessoas não invadirem mais e não pegarem frutas antes de amadurecer.

- É bom dividir, mas vai ser difícil todos entrarem de acordo, concordou Felismino. Quem tem um pedaço não vai querer dar pra outro, não vai querer sair de sua terra e ir pra outro lugar, não vai dar seu plantio para outro.

- Mas o cara tem condições de sair indenizado, provocou Juvêncio.

- Mas quem tem condições de indenizar uma baixa como a do Osvaldo e do Matias? Questionou Damiana, olhando para ambos.

Das Dores respondeu de bate pronto.

- Deve ser feito acordo. A terra tinha sido dividida em partes iguais, mas depois foram vendendo os serviços e agora tem uns que têm 3 e 4 partes, outros só têm uma ou nenhuma. Era proibido vender a terra, mas a diretoria deixou correr frouxo.

- Mas isso foi feito porque as pessoas podiam vender sua parte e depois ficar por aqui querendo outro pedaço pra trabalhar, explicou Matias, na defensiva.

- Não é bem assim, voltou Das Dores. As pessoas vendem a sua terra, vão embora, não dão certo, aí voltam e pegam outra parte pra plantar. Agora, se dividir não vai mais acontecer isso.

- O caso é que o único que recebe terra é o pai, interveio Domingos. Os filhos vão ter que morar todos juntos com o pai e ainda se o pai vender, ficam sem nada. E, dividindo ou não, vai chegar um momento que não vai ter lugar mais pra ninguém, né. Eu aceito qualquer terreno, em qualquer lugar, de qualquer tamanho. O que eu quero é poder ter o meu pedaço pra quando quiser usar não encontrar ninguém lá.

Oswaldo resolveu dizer alguma coisa.

- A divisão vai dar encrenca porque tem uns que plantam banana e abacate na baixa e não vão aceitar a divisão. Sem divisão é melhor porque meus filhos podem plantar em qualquer lugar. Se o Dom der as terras com escritura, muitos vão vender pra gente de fora. O nosso movimento é trabalhar e ter um bucado pra comer. O que acontece aqui nesta terra é trabalhar. Divertimento é trabalhar mesmo, só isto. A herança que o pai pode dar ao filho é o saber dele, e se não der, o filho não deve nada pra ele. Aqui é assim. A maioria são analfabeto, não conhecem a lei, e não têm herança pra passar pros filhos.

A mulher cujo marido estava em São Paulo, Dalgisa, externou suas dúvidas.

- Olha, eu acho bom que se divida as terras, mas eu tô preocupada, porque quando dividir, as mulheres não vão ter onde trabalhar.

Valdir deixou correr solto. Cada um fazia a falação que queria, do jeito que achava melhor, enquanto o gravador ia comendo as fitas. A conversa avançou na noite, enquanto a brisa fria se tornava mais forte. Aí, cada um foi se despedindo e saindo de mansinho, até deixar Juvêncio e Valdir sozinhos na sala.

\* \* \* \* \*

Nos três dias seguintes, Valdir e Juvêncio fizeram inúmeras outras visitas, sempre acompanhados por um séquito de interessados, muitos dos quais haviam participado de conversas anteriores. As falações, contraditórias, dissonantes, repetiram-se com uma regularidade impressionante.

## **Avaliando o avaliado**

Na tarde do quarto dia chegaram de Iperá as irmãs Siena e o padre Pablo, conforme haviam combinado, para reunir-se com Joana e Valdir e fazer uma primeira avaliação do trabalho de pesquisa, além de dar sua própria opinião sobre a experiência de São Loganso.

Tiveram o cuidado de fechar a porta da casa paroquial. Se não o fizessem, era certo que teriam uma variada e atenta assistência.

- Antes da gente começar é bom que todos saibam os boatos que correm cá encima sobre a pesquisa, começou Joana. Um é que o Valdir é gente "grande" mesmo, porque tem um gravador e uma máquina que tira "chapa" de todo mundo, pra identificar os moradores quando ele vier tomar posse da terra que comprou do Dom. A notícia geral é que as terras foram vendidas. Tem outra versão que diz que o Valdir é um comunista que vai mandar as pessoas pra outros lugares de sofrimento, depois que tomar posse dos terrenos.

- Pior do que o diabo, comentou Pablo.

- Mas não fica por aí, continuou Joana. Está uma grande confusão na cabeça das pessoas. No fundo elas não confiam no Dom, como dizem. Fica sempre a dúvida e a justificativa: afinal, a terra é dele e ele faz o que quiser.

- É engraçado como as coisas se passam, acrescentou Valdir. A gente foi fazer as entrevistas e de repente começou a aparecer gente, gente mesmo. Criou-se uma roda ouvindo, participando, dando testemunho. Eram crianças, mulheres, irmão do outro, gente que estava

brigada, um em frente do outro, um do lado do outro. A gente mudava de casa, ia toda gente. E pintavam outros, um monte, uma comitiva. Agora surge essa boataria. Não deixa de ser engraçado... Mas é muito sério também.

- A gente nunca sabe quando a turma se reúne - e reúne muita gente, 100, 120 pessoas - se ta mesmo ali pra dizer o que pensa, tomar uma decisão, se equilibrar, dar seu parecer, ou se fica descobrindo o que a equipe quer que se diga, comentou Siena. Na última assembléia todo mundo diz que o Dom não abriu a boca, só escutou o que a gente decidiu, e eles decidiram pela divisão da terra. Mas tem gente que participou da reunião, aprovou a divisão, mas não abriu a boca e é contra a divisão. Agora diz que eles, os outros, foram dividindo...

- É isso mesmo, concordou Joana. O pessoal concordam com que o pessoal fala, decide. Depois, chega na esquina e fala "ah, mas eu não tava de acordo com ele". E tem gente que antes tava de acordo com o que foi decidido na reunião, mas quando esse aí fala que não tava de acordo, ele também aprova.

- Não sabemos aí o que é, o que é mesmo prá gente dizer, cês aí não sabem? Falou Pablo, imitando o jeito do pessoal da serra. Em todas as reuniões é sempre um grupo menor que fala mesmo e que depois toma conta da mão. Eles não se reúnem sozinhos. Parece que se acostumaram a baixar a cabeça a tudo e a todos e só se mexem se forem cutucados, mesmo diante das necessidades que são deles. Se a gente não cutuca, como vai ser?

- De qualquer modo, eles falaram um bocado, disse Valdir. Se não é bem o que pensam é o caso da gente conferir. Primeiro, quando perguntados se a cooperativa melhorou ou não melhorou a situação deles, quase todo mundo fala que "os mais espertos melhoraram mesmo". Quem são os espertos? São os mesmos de sempre: o Matias, o Jorge, o Osvaldo. Quem mais? Não dizem. Depois, eles sempre se referem que o Dom libertou o povo ao acabar com a renda.

- Pelo menos isto eles parecem reconhecer, interveio Siena. O bispo tem no sangue a paixão pelos camponeses, pela sua causa, quer ver essa turma feliz, donos de suas terras, e participando de tudo, ouvindo com todo esse desejo de aplicar tudo o que ele tinha escutado no Concílio, essa igreja onde o povo começa a ter voz e vez. Chega aqui na diocese, encontra o povo, e o povo que ta aí é o povo camponês, sem terra, sofrido, massacrado. Chega aqui, encontra a diocese com essa facilidade, essa terra do patrimônio. Aqui em cima, essa terra boa, favorável... Então, diante desse desejo dele, carregando dentro dele essa paixão pelo homem do campo, querendo ver esse homem feliz, e com esse desejo de ver essa diocese, que se volte, que dê prioridade a esse homem do campo, e como a diocese tem terras pra favorecer, é claro, ele teve que fazer as articulações necessárias, com aquilo que ele sonha. Quando ele se apaixona, a coisa vai mesmo.

- Então, isso foi uma paixão do Dom? Inquiriu Valdir com ênfase.

Siena parece haver se dado conta de que havia feito um panegírico.

- Em grande parte teve uma motivação forte aí. A partir daí começa a conversar com outras pessoas, se articular, começam os projetos a sair Aí, nesses projetos, aí sem muito a participação do povo, e foi pouco a pouco criando uma distância, né? Que piorou com a chegada de dinheiro de fora.

- Piorou?

- A casa da vovó se animou mesmo com a chegada do dinheiro, continuou Siena. A gente sabe que, do jeito que a turma está, não se começa nada sem um pouco de dinheiro. Mas quando entra o dinheiro, a turma não entende. É uma contradição. A gente sabia que a motivação forte de um trabalho comunitário era a oportunidade que eles tinham de trabalhar em conjunto, se ajudar uns aos outros. Mas depois eles tinham que receber uma diária. A gente fazia reunião, trabalhava, conversava, mas a motivação mesmo era receber o dinheiro. A gente bem que tentou estimular o adjunto, o mutirão, pra gerar a união, mas aí é muito mais difícil. E pro cara que passa muita necessidade, realmente o dinheiro não é coisa demais que ele está vendo...

- Quando aparece, imagine, um dinheiro fácil, que não custou nada, não custou nada do nosso suor, aí não há efeito educativo nenhum, acrescentou Joana. E o Dom passa a ser só uma ótima pessoa, nada mais...

- Nem isso, disse Pablo. Pro pessoal daqui o bispo é como outro patrão qualquer, que está interessado nestas terras, que tá brigando por terra, tá criando confusão, que é capaz de botar o pessoal na justiça.

- O problema de fundo é que nunca foi dada a possibilidade pro pessoal decidir sobre seus próprios rumos, interferiu Siena. Quer dizer, não houve a possibilidade de crescimento. Mesmo algumas lideranças que se destacaram, na época não sei bem se eram mesmo lideranças, elas eram o pessoal mais próximo das equipes, era o pessoal que interferiu mais nas decisões, mas não sei se eram lideranças consagradas, se eram vistas como lideranças pelo pessoal que mora aqui. O resto do pessoal ficou completamente de fora do processo.

- E você acha que se o pessoal tivesse ficado sem interferência nenhuma eles estariam aonde? Inquiriu Valdir. Eles nem sabiam que os reдеiros eram a causa da sujeição em que viviam. Eles enxergavam que eram cativos, viviam mal, mas era só. Quanto tempo eles levariam para descobrir sozinhos isso? Se não é justo lhes impor um caminho tão alto, é justo deixá-los na completa ignorância? Esse é um negócio complicado. O pessoal passou de um regime de escravidão ou semi-escravidão para uma coisa comunitária que - blun! - mas foi um pulo mesmo. E é o que eles guardam na memória, a grande vitória da comunidade, que eles contam como vitória da cooperativa. Foi isso: "o Dom libertou a gente dos reдеiros, da renda "Pra eles, liberdade é isso. Pra nós é um passinho pequeno. Mas pra eles, é imenso...

- Eu sinto que esse peso que tinha de uma situação anterior já era grande. A cooperativa veio talvez para complicar um pouco mais, mas não sei se o peso que a gente tem dado aos erros da cooperativa, não sei se seriam tão "pesados". Siena mostrava hesitação.

- Eu sinto que foi um chapéu muito grande para uma cabeça muito pequena, ponderou Pablo. Uma queimação total de etapas. Se partiu de um sonho muito alto, muito idealista, sem levar em conta a realidade em que estava o povo. Então, foi um desencontro total. As equipes e tudo mais colaboraram. Um plano bem lá na frente em que a turma foi provocada a dar um salto muito alto. As equipes que vieram, por mais dedicadas e generosas e amor ao povo que tenham tido, não tiveram condições de se integrar na realidade em que o povo vivia. As equipes vinham de fora, vinham poucas vezes e sem conhecimento nenhum da realidade.

- O Matias disse isso, exatamente, atravessou Valdir. Só que ele foi um dos espertos que se aproveitou desse chapéu grandão.

- Mas é verdade! Continuou Pablo. Todas sem conhecimento profundo do povo. E, pior, com mais poder que a própria diretoria. E aqui o povo é muito difícil. Quando tentamos compartilhar com ele o poder, no sentido de dividir as mínimas coisas da comunidade, as pequenas intrigas aparecem, onde tem capela tem capelinha. Quando se quer fazer qualquer coisa, um não quer entrar, assumir esse problema, porque vai desgostar fulano. Fulano é quem está ligado a seu compadre, isso vai trazer um pé de briga, né? Então, nas mínimas coisas da comunidade é difícil assumirem. Quando entra dinheiro... Por isso é que a gente tem certa rejeição a dinheiro vindo de fora.

Joana se aprumou melhor e pediu a palavra pela ordem. A turma riu.

Eles tão todinhos de baixo do patrão, tão acostumados a ser mandados, e há quem aprendeu a mandar também. Aí, quando a gente olha esse gigante aqui encima, do povo serrano muito mais lento, não é? A coisa aqui vai muito mais devagar, muito mais frio que o sertanejo. O povo da serra é muito tradicional. Comunista para eles é a besta fera, a pior coisa do mundo que se possa imaginar. Então, quando os patrões querem afastar o pessoal, basta dizer que é comunismo... esse padre é comunista, essa freira é comunista... esse agente da pastoral é comunista...É uma maneira de afastar o pessoal.Eles não sabem bem que fantasma é esse, mas sabem que o comunismo tem que arrebar. Então, foi uma experiência avançada demais, um desnível muito grande em relação à realidade do povo, e sem continuidade nenhuma. Eu imagino essas mulheres aí em grupo, descendo pra enfrentar o seu João da Baixa, com essas enxadas... Acho que não tavam nem conscientes nem do risco que tavam correndo.

- Ninguém falou dessa luta, interrompeu Siena. Ninguém cita, nenhum homem, nenhuma mulher. Nada, ninguém sabe dizer. Eu conheço tudo isso há mais de seis anos... Cada ano a gente vem fazer a festa da padroeira e faz a avaliação. É a mesma coisa: eles tem uma passividade impressionante. Aí quando a gente ouve do Valdir que aquelas mulheres desfilaram pra enfrentar o seu João...

- Com facão na cintura...
- Mas existiu isso?
- É claro que existiu, mas não era assumido.
- Alguns nem lembram disso. E ninguém falou em luta.
- Se existiu, elas não tinham consciência.

As opiniões se sucediam rapidamente.

- E desde quando o povo tem consciência quando entra na luta? Quem é do povo que sabe que está lutando? Perguntou Valdir. Muito poucos. Se fosse todo mundo muito consciente, o povo tinha memória.

- Eu, quando ouvi, falei: Meu Deus, eu nunca achei, assegurou Joana.

Todo mundo falava sobre o assunto. Valdir esperou a exaltação baixar.

- Eu conversei com a D. Maria, que foi uma das mulheres que participou do mutirão em que houve esse Negócio da Baixa do João. Dei todas as dicas pra ela contar o caso - mas o roçado, cês plantaram lá no roçado, o cara não queria, e a terra era do santo, e não sei o quê - mas nada, não falou! Conversei também com a Das Dores, uma das mais combativas: também não abriu a boca. Pode, então, ser as duas coisas: uma porque, realmente, não foi uma experiência vivida com consciência, aí esqueceram. Ou pode ser que estejam escondendo.

- Não devem de estar escondendo, asseverou Siena. Não é o costume delas. É uma coisa que elas devem ter feito assim entusiasmadas demais, depois visto um pouquinho...

- ... que foi perigoso...

- ... que foi perigoso, então, ó, tapa tudo, né?

- ... melhor não comentar, né? Vai ver que é um papo entre eles assim de não...

- Parece até uma anestesia, sei lá, um entusiasmo que não tinha raiz, não tinha base, opinou Pablo. Então, eles viram que era perigoso,

depois ficaram assombrados. Acho que sepultaram aquilo como que “pelo amor de Deus!”. Quer dizer, é um perigo inglório. “Ave Maria, perigoso mesmo, num digo, nem sei”. Quer dizer, é impressionante como é, a gente ouve contar o acontecimento e vem encontrar o quê? Também, depois, com a continuação que eles foram talvez compreendendo melhor as coisas, que vê de longe os feridos, né, as ameaças, todos esses outros casos, essas lutas que tão por aí, o pessoal que morre nessas lutas, eu acho tudo isso mais do que um motivo... agora eu imagino, como quem diz assim, sabe que o risco que correu, ficou doido...

- Até agora ninguém também tocou na luta contra os reideiros, ninguém pegou, olha, nem disfarçadamente... disse Valdir.

- Não me pareceu que era medo de contar..., ponderou Joana.

- ... de esconder, elas tem essa prática de esconder? Perguntou Valdir.

- Tem, tem. Os homens também. Se não quiser dizer, não diz, né... Mas já ouvi uns que falaram na luta contra os reideiros, que pegaram as espingardas e mataram a criação. Acho que não podemos passar assim de liso, plum!, não existiu nada...

Pablo procurava lembrar-se das conversas que tivera com moradores de São Loganso.

- Mas ninguém falou do facão, que é luta específica. Falou de outra, que quebrava a cerca do gado, de matar a criação, que teve ameaça de quebrar o pé, a perna, o braço, de bater nas mulheres. E elas

enfrentaram, e continuaram matando a criação, até que eles pararam de ameaçar.

- Mas essa é recém. E quem garante que daqui há dez anos elas vão lembrar disso também? Perguntou Valdir. E eles têm alguma coisa na história antiga Essa D. Maria, depois que eu contei toda a história, ela disse: "Ô, Boanerges, lembra daquela vez? "O Boanerges confirmou: "Teve, teve, mas aí a gente foi e não era a terra, então a gente voltou atrás", e acabou a história. Eu fiquei meio na dúvida. Num primeiro momento parecia que ela dizia: "Puxa vida, mas teve mesmo né". Depois ela emendou pra outra história: elas foram, plantaram e desistiram da roça. Então, pra ela, não teve o negócio deter a terra. E eu sei que teve, porque vi.

- Mas o incrível é que eles nem falam mal dos reдеiros, acrescentou Pablo. Quando eles querem falar mal de alguém, vão falar do tempo do cangaço. Ultimamente? Não, de 1940...

Joana interrompeu com um gesto.

- Há duas semanas o Mané da Zica foi tirar lenha na terra do Raimundo Alpes, que nem mais reдеiro é, que agora vive como qualquer outro, e o seu Raimundo falou pra ele "O Sr. deixa esses dois feixes de lenha. "E ele largou os feixes de lenha no chão. Perguntei pra ele por que deixou a lenha lá. Ele não soube explicar. Era tão acostumado a obedecer ao reдеiro, que ainda não se acostumou que a coisa mudou, que o outro é igual que ele, não tem mais poder nenhum. Foi embora pra casa, sem nada, depois de ter passado a tarde inteira pegando lenha.

- Eles nunca dizem que tiveram problema com os rendeiros, retomou Pablo. Só dizem que a renda era pesada. No máximo falam que o Alpes era um carrasco. Uma boa parte mal sabia entender como trabalhar sozinho sem a renda. A partir do momento que viu a terra livre, teve gente que caiu no engodo do vizinho. Esse falou: eu compro sua mandioca. Aí, quando o cara que comprou colheu a mandioca, o que vendeu pediu: eu quero minha terra de volta, que tava plantada, né. Mas o que comprou ripostou: não, comprei sua terra junto com a mandioca. E ele deixou, porque pra ele o que valia era a palavra. Achou que tinha dado a palavra e perdeu a terra.

Alguém bateu à porta. Logo depois avisou: "Sou eu, Maria... Abre aí, seu Zé, que eu vou fazer um café pr'ocês..."

Siena levantou-se e foi abrir. Maria deu "boa noite" para todos e dirigiu-se para o fogão. Siena voltou a sentar-se e tomou a palavra.

- Do ponto de partida tinha uma situação de muita miséria. Então, primeiro tinha que dar condições pra poder haver um passo. Mas parece que as condições vieram muito em cima, sem a participação do pessoal. Também é difícil quando pretendo saber se tem ou não possibilidade de ter alguma coisa comunitária, procurar saber como é que pode existir uma coisa que possa desabrochar numa comunidade. A experiência parece que rachou todo mundo, não sei se já era rachado antes. A gente pega pelo pessoal da rua, ali, que desce e tá meio a meio. A educação política não poderia avançar, pelo menos aqui tá muito direta a questão do avanço político com o avanço das relações de trabalho, da produção. Eles nunca poderiam entender muito bem uma produção, por exemplo. Acho que não

é por acaso que os melhores, os que se saíram melhor, foram os mais espertos na produção da lavoura e da criação. Quer dizer: o Matias, teve outro que aprendeu a explorar o vizinho; teve um que conseguiu variar mais a produção, né... Mas politicamente não houve como trabalhar com eles. O resto, nem a produtividade conseguiu resolver. Comparado com a comunidade, o Matias é quase um capitalista, mas a própria técnica dele ainda é atrasada. Então é complicada a educação política sem fazer aquelas básicas de plantar de leira ou não de leira. Por exemplo, o Matias fala que o pessoal não aceita soja. Teria que ser mandioca, fazer farinha de mandioca. Mas o Matias está plantando uva, é isso mesmo uva, banana, romã, fruta de conde, pinha, tudo... Aí o pessoal ia produzindo mandioca, mas teria sido muito mais avançado, e a equipe estava correta, do ponto de vista técnico e econômico, produzir outras coisas, não a farinha de mandioca. Mas como é que isso vai entrar na cabeça do pessoal? E se eles não resolvem isso, como é que eles podem avançar politicamente? Em termos de solidariedade, de comunidade e essas coisas? Acho que não daria para avançar separadamente.

- A impressão que me dá é que a coisa teria que ter sido muito modesta, opinou Joana. Partir, caminhando com o povo, do que eles estão vivendo, experimentando, e a partir dessa ação desse tipo é que vai o processo de educação política.

- Outro ponto é o problema do regime de escravidão em que eles viviam, continuou Siena. Passar daí prum regime de cooperativa, sem passar por uma experiência individual de posse da terra, deve ter dado um

nó na cabeça deles. O fracasso dos mutirões foi puramente por falta de disciplina, porque eles tiravam o dinheiro dos dias que trabalhavam e aplicavam nas suas posses. Quer dizer, aqueles mais ativos se aproveitaram disso e passaram a adquirir recursos. Uns levantavam às 7, outros às 8, outro às 9, outro que ia lá, passava lá e depois não voltava...

- Maria interrompeu novamente, mas desta vez com as canecas fumegantes de café. Siena pegou o seu e continuou com sua voz grave e solene:

- O pessoal pode ter a terra pra vir daí o processo de luta, surgirem as diferenças entre eles, porque uma grande preocupação do pessoal na divisão da terra é que quando a terra for dividida tem muita gente que não vai trabalhar na terra, que vai vender o seu lote. Então, vai aparecer rico aqui, e aqui é um lugar só de pobre. E aparecendo rico vai trazer problema pra gente. O Matias já é um rico. Vai comprando os pedacinhos das outras pessoas. Quem tá no aperreio e quer vender a gleba, ele compra. Ele diz que tem gosto, que tem pena de ver pedaço de terra baixa sem plantar coisa nenhuma e virando pasto de animal. Ele tem gosto e vontade de plantar. Quando ele vende alguma coisa, ele vende formado, já é um sítio com tudo de plantado...

- Também tem o pessoal que não é sócio, atalhou Joana. São os novos, os de 30 anos, que são filhos dos sócios antigos, ou que chegou, e que ta preocupado. Também têm as viúvas, que é uma população grande. Tem muita viúva aqui. Tem as mulheres que os maridos foram para o Sul e não voltaram, que estão sozinhas e não têm onde se encaixar. Então tá uma espécie de grande confusão e cada um só tá pensando no "é pra

mim". Os agentes diocesanos não conseguiram se colocar, se sentar dentro da situação. Como é que se caminha junto com o pessoal? Só achando o que pode motivar? Quando você organiza, você sai de perto para ficar de cima, né?

- Eu não tô achando que o trabalho da cooperativa foi totalmente desastroso ponderou Pablo. Esse pessoal que melhorou um pouco de vida, eles conseguiram sair fora da meia e da terça. Dizem: "Ah, meu filho, eu entrei pra cooperativa de precisão. Eu pra entrar, pra aposentar, falaram que era coisa de comunista mas eu tô com meu buquinho cheio, tudo. E se comunista é homem, eu não tenho medo não, porque eu só tenho medo de besta-fera". Mas tem uma parcela que não conseguiu sair disso, não conseguiu nada, é aquela parte mais mole.

- O coração agora tá pagando o preço pra triturar..., filosofou Joana. Tem uns que dizem ter fé em São Loganso que essa terra não reparte. Outros que dizem que esses aí vieram por último pra cá, sabem que não tem direito, então tem fé em São Loganso, né? Assim, faz dois anos que tão tentando dividir. Vêm os técnicos, o pessoal não colabora, eles voltam, não dá certo. Estão enrolando, é uma resistência do jeito deles, mas vai ser outro desmantelo. Os grandes já estão cercando tudo, tão todos de olho. Os pequenos vão se desfazendo do seu pedaço de chão. Então, o que vai acontecer, se não dividir? A terra vai ficar da comunidade, ou dos que compraram todos os serviços aos bocados, como o Matias?

- Quer dizer que é a maior confusão? Justo os grandes não querem que reparta? Quis saber Valdir.

- É, têm uns grandes que dizem: "Besteira, pra que dividir? Deixa como está. Tem os novos que estão chegando, e a terra do Santo é pra todo mundo, não é?" Mas têm outros que tão em melhor situação, que já têm um pedaço de chão arrumado e são pela divisão. O único certo é que, se continuar como está, é ficar baldando em ferro frio. Não há interesse comum de tomar conta do rolo da terra.

A conversa entrou num ponto morto. Começavam a ser repetidas as mesmas histórias e opiniões.

Siena olhou para Valdir e indagou:

- E você, o que tem a dizer? Falou pouco, só perguntou, e não disse nada. Não é hora de contar pra gente um pouco do que viu e sentiu?

Valdir assentiu:

- Tem razão. Mas o que eu posso dizer são algumas opiniões, um resumo do que acho das atitudes, opiniões e sentimentos do povo daqui. Não sei se elas são as mais acertadas. Talvez se eu não tivesse vivido aqui, ficado aqui quase o tempo todo, eu talvez pensasse diferente. Mas como eu vivenciei a experiência, como eu ia pra roça com o pessoal, eu aprendi um pouco sobre o jeito como eles são. Então eu queria pedir a vocês que levassem em conta isso quando pensassem em ser contra ou a favor do que eu vou dizer.

- Primeiro, todo mundo tem uma atitude negativa diante dos resultados da experiência. Mesmo os lavradores que admitem haver melhorado, negam sua própria capacidade de fazer algo sério, de comandar sua própria vida. Os que enricaram, como todos os outros, acham que só os de fora teriam condições de levar adiante o trabalho da

cooperativa. Mas também não acreditam nos de fora, embora achem que as equipes fizeram muita coisa boa, enquanto o povo não quis nada. Por outro lado, o bispo teria errado muito com o pessoal, e o bispo, no caso, é representado pelas equipes, porque o pessoal não correspondeu. O erro principal do Dom teria sido acreditar nas pessoas de São Loganso.

O pessoal das equipes também concorda que a experiência partiu de um sonho, muito alto, muito idealista, sem levar em conta a realidade do povo. Assim, a marca mais evidente é a frustração com a prática de educação e com os resultados do trabalho comunitário.

Mas, com exceção dos foreiros antigos, todos, ou quase todos os lavradores, distinguem o antes e o depois da cooperativa, fazendo uma avaliação positiva do depois. Foram libertados, acabou a cobrança da renda. Como, então, avaliar a experiência só tomando como base os objetivos estabelecidos? Tem alguns que acham a experiência um retrocesso, porque houve um descrédito dela, porque ela causou muito desgaste, não avançou na conscientização, politização e organização do pessoal, e caiu numa apatia tão grande quanto antes.

- Mas tudo isso não é verdadeiro? Quis saber Joana.

- Pode ser, continuou Valdir. Mas não se pode esquecer as condições de existência dos lavradores e seu grau de consciência quando começou a experiência. Nem se pode desprezar a situação em que vivia o Brasil naquela época. Só tomando isso como referência se pode avaliar as condições atuais de vida deles, em todos os aspectos. Antes da lei da cooperativa, as condições eram mesmo abjetas. Eram resultado da subordinação dos camponeses aos foreiros. Eram condições espoliativas,

que impediam qualquer avanço na agricultura local. As proibições, não plantar isso, não plantar aquilo, eram uma trava à diversificação agrícola, à introdução de técnicas e ao aumento da própria produção.

Essas relações de subordinação deformavam o homem, o ser humano. Impediam o pessoal de ter criatividade, de ter vida social. Aqui não se criou qualquer tipo de artesanato que chame a atenção. Aqui não surgiu uma cultura popular. Não há folclore, não há música, não há dança, não há nada cultural que possua alguma tintura local.

- Nem a festa de São Loganso tem tradição musical aqui, ponderou Pablo.

- Tem uma longa história de opressão, com lances de selvageria, que criou uma população conformista, desunida por mil e uma querelas e, ao mesmo tempo, amarrada por inúmeros laços de parentesco, compadrio ou favor aos poderosos que a exploravam. Que esforço sério, na história anterior à cooperativa, as pessoas daqui fizeram para se associarem ou lutarem? É difícil encontrar isso na memória deles. As histórias de lutas que eles contam são sempre de outros lugares, nunca daqui. E se a gente conversa com eles, não é tão difícil descobrir que a maioria continua, ainda hoje, a não ter consciência da exploração a que eram submetidos pelos foreiros. E têm muitos aí que ainda preferem ajustar-se à dominação, em vez de enfrentá-la, como aqueles que preferiam pagar renda a vir para a cooperativa.

- Mas há, também, os que dizem que o Dom viu como eles viviam e decidiu libertar as terras e libertá-los da renda, atalhou Siena.

- É verdade. Mas eles não responsabilizam os foreiros, não os atacam. Dizem que a terra era cativa e eles viviam na escravidão da renda. A renda aparece como um ente mitológico, um demônio que aprisiona as pessoas, não uma criação humana. Não vão além disso. Nessas condições, a cooperativa era uma idéia generosa, mas externa e estranha a eles, longe das necessidades surgidas de sua própria atividade e luta. Eles não entendiam sequer o significado do termo "luta" e não poderiam entender a cooperativa, por menor que fosse. Foi uma agressão a todos os parâmetros que até então norteavam suas vidas.

- A obediência e a fé na igreja, nas leis da igreja e de Deus, salvou-os de repudiar violentamente a experiência e conseguiu amainar e suavizar as resistências e desconfianças. Mas não as superou. Ela não foi jamais assimilada e só conseguiria manter-se se impusesse como um novo dominador, mesmo benigno. Por isso até hoje persistem as mais diferentes versões e interpretações sobre a cooperativa e suas motivações. E também sobre o Dom e suas motivações.

- E também sobre vosmicê e as compras da terra, brincou Joana...  
Todos riram.

- É isso aí, virei comprador de terras de Santo e escravizador comunista. Diante disso, o que deveria ter feito a diocese após constatar a situação dos lavradores explorados pelos foreiros nas terras do Santo? Poderia ter procedido de outro modo? Haveria outras opções dentro do espírito comunitário de que estava imbuída? Todas eram difíceis e só servem agora como especulação. A história está feita. Os resultados propostos não foram alcançados e, em certo sentido, foram frustrantes. A

cooperativa falhou como instrumento de libertação e educação dos camponeses no espírito comunitário. Não conseguiu se auto sustentar, nem foi entendida e sustentada pelos camponeses.

- Então não valeu de nada? Perguntou Siena.

- Eu não disse isso. Contraditoriamente, a cooperativa melhorou a situação dos camponeses, em geral. A pobreza continua ainda hoje, mas não está tão funda como antes. Houve aqueles que enriqueceram, segundo a maioria, por haverem se aproveitado da cooperativa, não devolvendo os empréstimos ou se apropriando de bens pertencentes a ela. Na verdade, os que não enriqueceram também não devolveram os empréstimos e alguns deles também se apropriaram de bens da cooperativa. Então, deve haver mais alguma coisa que contribuiu para a diferenciação entre eles.

- O desarranjo da cooperativa e a indefinição sobre a propriedade e uso da terra criou uma situação complicada. Aumentaram os atritos com o aumento da população, atritos que parecem mais agudos com a idéia de dividir as terras. A desconfiança dos camponeses entre si e em relação à diocese aumentou. O trabalho do grupo ficou mais difícil e seu temor quanto a possíveis reviravoltas tornou-se tão agudo que chegou a apagar da memória alguns acontecimentos de que foram participantes, embora deva-se diferenciar o que nós e eles consideram luta. Tudo isso produz uma grande interpretação negativa.

- De novo parece que você quer evidenciar o fracasso, repetiu Siena.

- De novo eu quero dizer que é uma contradição que a maioria ache que melhorou de vida, apesar do fracasso da cooperativa. O fim e o fracasso da cooperativa são fatos inescapáveis. Mas há inúmeras evidências de melhoria. Mas em nossa análise não basta constatar as evidências ou as manifestações de melhoria. O importante é descobrir a causa ou as causas dessa melhoria. Eu acredito que foi o fim do processo anterior de exploração, a libertação da meia e da terça, da renda e, em alguns casos, também do dia cativo. Livres dessas cargas, sem obrigação de pagar tributo, os lavradores ficaram em condições de elevar seu padrão de vida. Apesar de não entenderem a profundidade dessa mudança - uma mudança radical nas condições de trabalho e produção - todos a sentem como muito importante na sua libertação.

- Entretanto, é bom que a gente se alerte que a simples mudança dessas relações não teria causado uma melhoria generalizada se não tivessem havido os projetos e os grupos comunitários. Na verdade, chegou um momento em que, sem condições de tocar sua roça ou roçado, os antigos meeiros e terceiros viam-se na contingência de trabalhar de alugado ou vender sua plantação na folha para os antigos foreiros ou comerciantes, tudo isso nas terras libertas. Assim, sob novas formas, reproduzia-se a mesma situação de dominação e exploração, impedindo que os camponeses aproveitassem as novas relações de trabalho para melhorar de vida.

Os projetos, que na ocasião só foram aprovados porque levavam embutida a proposta de trabalho comunitário, serviram, na prática, para

capitalizar os cooperados e torná-los capazes de desenvolver de modo autônomo sua produção.

- Quer dizer que você acha que os projetos comunitários deveriam servir para aumentar o individualismo do pessoal? Perguntou Pablo.

- O que eu acho ou deixo de achar sobre o que deveriam ser os projetos tem pouca importância. O caso é que, nas condições de São Loganso, qualquer recurso que fosse obtido e canalizado para cá serviria para isso: para capitalizar as famílias e não o trabalho comunitário. Por circunstâncias especiais, o trabalho comunitário foi instrumento daquela capitalização. Permitiu que os posseiros se vissem livres da opressão dos foreiros, que os mais espertos introduzissem a diversificação das culturas e novas práticas e técnicas.

Numa experiência cercada de latifúndio, capitalismo e ditadura por todos os lados, dificilmente essas mudanças deixariam de causar uma diferenciação entre os camponeses locais. Isto ocorreria mesmo que a sabedoria, esperteza, má fé ou desonestidade de alguns não houvesse aparecido. Os mais espertos inevitavelmente se aproveitariam melhor das novas condições criadas e realizariam um processo mais rápido de acumulação de riqueza. É lógico que é preciso relativizar essa riqueza. O Matias é rico aqui, mas remediado ou pobre em outros lugares. Mas a operosidade de alguns salta à vista quando se visita seus sítios. Eles possuem fruteiras, plantios diversos e procuram comercializar a sua produção com vantagem. Numa sociedade menos desigual e mais democrática, eles poderiam servir como exemplo para puxar os retardatários. Mas, numa sociedade como a nossa, eles vão comprando os serviços dos vizinhos,

ampliando suas posses e riqueza e transformando-se em novos exploradores.

- Complicado, né? Sussurrou Joana.

- Nessas circunstâncias, a devolução dos empréstimos seria difícil. Eles mal davam para a subsistência do ano agrícola. Os financiamentos dos mutirões serviram, então, para a sustentação das famílias que tocavam, além dos trabalhos comunitários, sua própria roça. Era uma forma indireta de financiar o trabalho familiar. Os fundos obtidos para os projetos foram a grande alavanca que permitiu aos lavradores da cooperativa aproveitar as novas relações criadas com o fim da cobrança da renda e seguir um novo caminho autônomo. O que agente teve aqui foi uma mudança de tipo capitalista democrático. Em certo sentido, o mesmo caminho que eles seguiriam se as terras houvessem sido distribuídas e houvessem se tornado proprietários de pleno direito.

- Então, o que à primeira vista parece ter sido um fracasso completo, ou um erro, serviu para imprimir um inconsciente e não desejado processo capitalista democrático de evolução, com todas as contradições próprias dele. Comparado com a situação anterior, ou com um processo capitalista comandado pelos antigos foreiros, ele talvez seja menos doloroso e menos bárbaro, embora também tenha algo de selvagem. A população de São Loganso vive, então, uma realidade nova, muito diferente daquela de vinte anos atrás. Surgiram novos hábitos, novas idéias, novos costumes. Até o conformismo e a apatia da atualidade não são os mesmos de antigamente. Essa é a nova realidade de São

Loganso. Talvez a gente não queira vê-la porque desejaria enxergar outra.  
Isto é o que eu penso.

\* \* \* \* \*

O silêncio da noite penetrou na sala, trazido pela brisa das primeiras névoas que costumam envolver a serra.

Fim

Novembro de 1997